



“ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA E COMERCIAL DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO – UM SÉRIO ENTRAVE AO SEU DESENVOLVIMENTO”

Jorge Figueira¹, Nuno Ribeiro², Sónia Nogueira³

¹ Escola Superior de Tecnologia e Gestão, do Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia-Apartado134. 5301-857 Bragança, Portugal.

² Escola Superior de Tecnologia e Gestão, do Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia-Apartado134. 5301-857 Bragança, Portugal

³ Escola Superior de Comunicação, Administração e Turismo, do Instituto Politécnico de Bragança, Rua João Maria Sarmento Pimentel - Apartado 128, 5370-326 Mirandela, Portugal

RESUMO

Nesta comunicação propomo-nos apresentar os aspectos relativos à especialização produtiva e padrão de comércio internacional da região de TMAD, neste estudo considerada como o somatório das nuts 3 Alto Trás-os-Montes e Douro, procurando desta forma contribuir para identificar e clarificar as especificidades mais relevantes por si evidenciadas. Verificamos que TMAD apresenta um perfil económico distinto do da Região Norte (RN) e do país, o mesmo acontecendo com o seu comércio externo. Por outro lado, os estudos conhecidos sobre o desenvolvimento económico e social das regiões portuguesas apontam TMAD como uma das menos desenvolvidas do país. O atraso estrutural face às demais regiões, especialmente motivado por razões económicas, conduz à necessidade de se proceder a uma análise do perfil económico da região e da respectiva evolução.

TMAD é uma economia muito fechada ao exterior, com uma vocação exportadora muito frágil. Os problemas de funcionamento dos mercados são um dos principais estrangulamentos à estrutura produtiva da região. É por isso necessário orientar a oferta local para a captação de clientes não residentes. A proximidade a Castela e Leão e à Galiza, sem esquecer a Região Norte do país, possibilitam o desenvolvimento de uma estratégia orientada para estes mercados. É com a expansão dos mercados que se pode criar as condições para uma estratégia ao nível do mercado internacional.

Palavras-chave: *Crescimento, Especialização; Perfil económico.*

1. Introdução

Por várias razões, entre as quais a dificuldade de obter dados desagregados por Nut's III, a maioria dos estudos, neste domínio, elegem o país ou as Nut's 2 como unidades de análise. Pretendemos estudar o padrão de especialização produtiva das Nuts 3 Alto Trás-os-Montes (ATM) e Douro, bem como as suas trocas externas, questões importantes para a formulação de uma estratégia de desenvolvimento. Verificamos que ATM e Douro apresentam um perfil económico distinto do da Região Norte e do país, o mesmo acontecendo com o seu comércio externo.

É nossa convicção, que o padrão de especialização produtiva de uma região influencia, de modo decisivo, a capacidade de internacionalização da sua economia e o modo como esta se processa, determinando assim a sua vocação no contexto nacional e internacional. Assim, procuramos com a presente comunicação contribuir para identificar e clarificar as especificidades do padrão de especialização produtiva e internacional de uma região que muito nos diz - a região de TMAD - cujo perfil económico e participação no comércio externo é bastante atípica no contexto nacional.

Estruturamos o estudo em duas partes:

- Análise do perfil económico de TMAD.

Depois de analisarmos de uma forma breve a dinâmica apresentada pelo VAB, emprego e produtividade da região, dedicamos especial atenção à análise do seu padrão de especialização sectorial, uma vez que os sectores industriais mais importantes de uma região são, grosso modo, os mais orientados para o comércio externo.



- A segunda parte é consagrada ao estudo do padrão das trocas externas da região de TMAD. Neste sentido, após uma breve análise dos indicadores gerais e macroeconómicos relacionados com o comércio externo da região, estudamos com maior detalhe a estrutura geográfica e sectorial das trocas da região e a sua importância no contexto da região norte. Procedemos de seguida à análise do padrão de especialização comercial inter e intra-industrial apresentado pela região.

2. O Perfil Económico de TMAD

Estudos sobre o desenvolvimento económico e social apontam TMAD (ATM e Douro), como uma das regiões de Portugal com menor índice de desenvolvimento. [1]

O perfil económico de uma região pode ser desenhado tendo como base a análise do valor acrescentado bruto, do emprego e da produtividade, numa perspectiva evolutiva. Os VABpm de ATM e Douro eram os mais baixos entre as Nuts 3 da RN, em 1998, e passada uma década, mantêm a sua posição na cauda da região, onde estão inseridas. Os dados são retirados das Contas Regionais [2] e do Anuário Estatístico da Região Norte [3].

Tabela 1: Evolução do VABpm, na RN (Milhões de Euros)

Ano	Norte	M-Lima	Cávado	Ave	Gr. Porto	Tâmega	E. D.Vouga	Douro	ATM
1998	28.095	1.518	2.603	3.704	13.092	2.569	2.276	1.125	1.210
1999	30.025	1.618	2.813	3.989	13.885	2.764	2.459	1.207	1.290
2000	31.838	1.713	3.114	4.246	14.488	3.019	2.525	1.320	1.413
2001	33.955	1.812	3.411	4.491	15.300	3.250	2.759	1.435	1.497
2002	34.878	1.883	3.595	4.696	15.336	3.413	2.947	1.464	1.544
2003	34.927	1.905	3.594	4.654	15.482	3.429	2.800	1.493	1.571
2004	36.046	1.959	3.767	4.710	16.017	3.502	2.881	1.532	1.679
2005	36.949	2.009	3.839	4.737	16.407	3.647	2.924	1.629	1.758
2006	38.187	2.116	3.984	4.843	16.827	3.898	2.996	1.704	1.818
2007	40.917	2.194	4.266	5.183	18.209	4.191	3.205	1.772	1.899
2008	42.096	2.290	4.472	5.328	18.625	4.282	3.216	1.873	2.010

Apesar de tudo, ao contrário do que aconteceu na década de 90, a evolução deixa esperanças para o futuro, quer numa, quer noutra sub-região, uma vez que estão a crescer mais que a média da RN. Entre 1998 e 2003, enquanto o VAB na RN cresceu 24,3%, em ATM cresceu 30% e no Douro 32,7%. De 2003 para 2008 acentuam-se as melhorias verificadas nos cinco anos anteriores: Alto Trás-os-Montes teve um crescimento de 28% e o Douro 25,4%, acima da média da RN (20,5%). O gráfico evidencia maiores crescimentos médios anuais de Cavado e Tâmega, nos primeiros anos e de ATM e Douro, no último quinquénio.

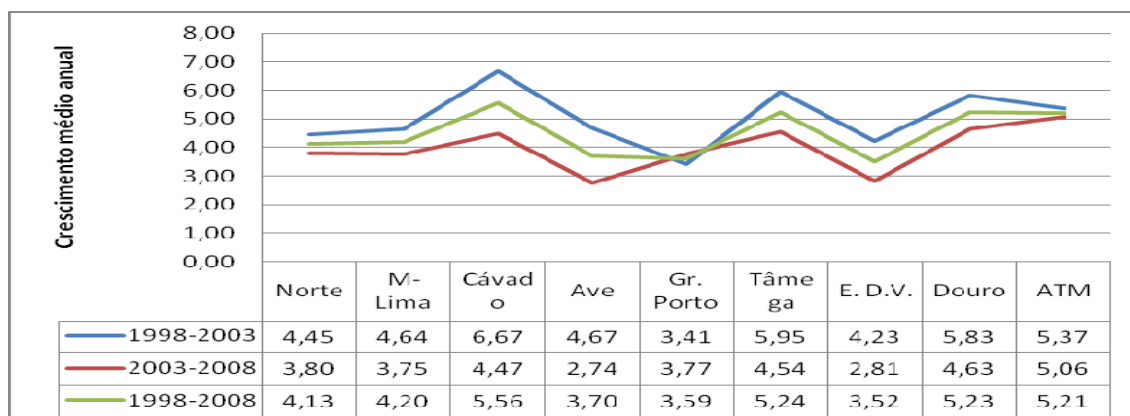


Figura 1: Taxas de Variação Média Anual do VAB, na RN



Esta evolução, apesar de favorável à região, não foi suficiente para eliminar o seu atraso estrutural. ATM tem apenas 4,7% do VAB da RN, embora melhorando o seu peso relativamente a 1998, que era de 4,3%. O Douro apresenta uma situação semelhante, aumentando o peso do VAB de 4% para 4,3%. TMAD representa, pois, só 9% do VAB da RN, enquanto o Grande Porto é responsável por mais de 44% do total.

A situação piora, quando vemos que o peso do emprego de TMAD é maior que o do VAB: ATM tem 6,5% e o Douro 5,7% do total do emprego da RN.

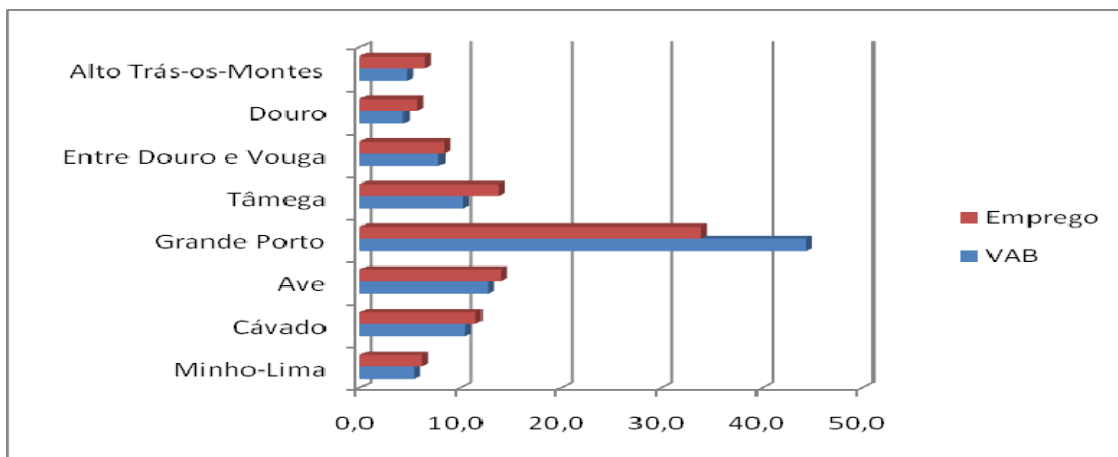


Figura 2: Peso do VABpm e do Emprego das NUT's III, na RN (2008)

O VAB, por sectores de actividade, é distinto nas regiões, embora os serviços apresentem em todas as regiões os valores mais elevados. De salientar, os valores apresentados pelo Grande Porto (75%), Douro (73%) e ATM (69%). O peso do VAB da Agricultura e actividades afins é reduzido, embora ATM e Douro apresentem valores 4 e 3 vezes superiores à média da RN. A indústria está representada, com valores acima da média da RN, em Entre Douro e Vouga (51,7%), Ave (47,9%), Tâmega (42,4%) e Cavado (36,6%).

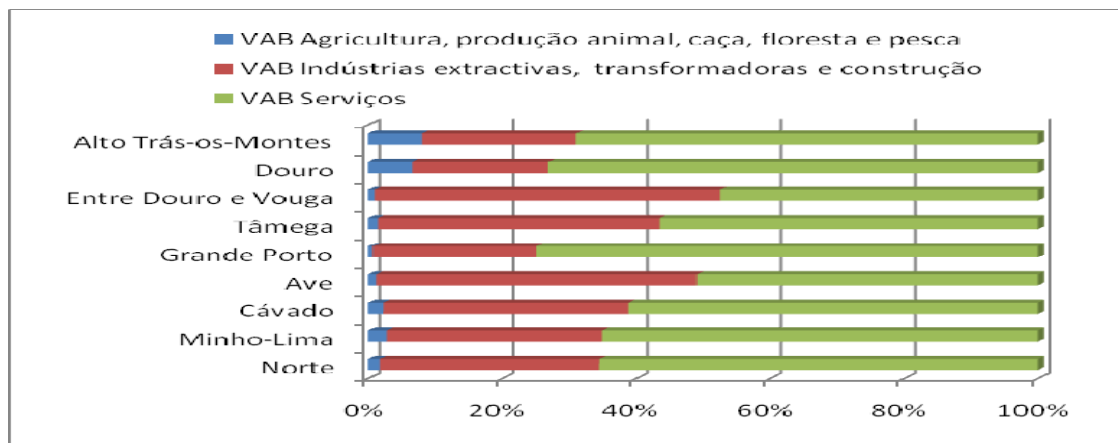


Figura 3: Estrutura do VAB na RN

ATM apresenta uma população empregada na Agricultura e actividades afins de 48,5%, quase metade do emprego da região, apresentando também o Douro um valor elevado (40,4%). Estes valores contrastam com os valores respeitantes ao VAB para essa actividade, nessas regiões. Das restantes regiões, apenas o Minho-Lima, com cerca de 20%, está acima da média da RN (12%).

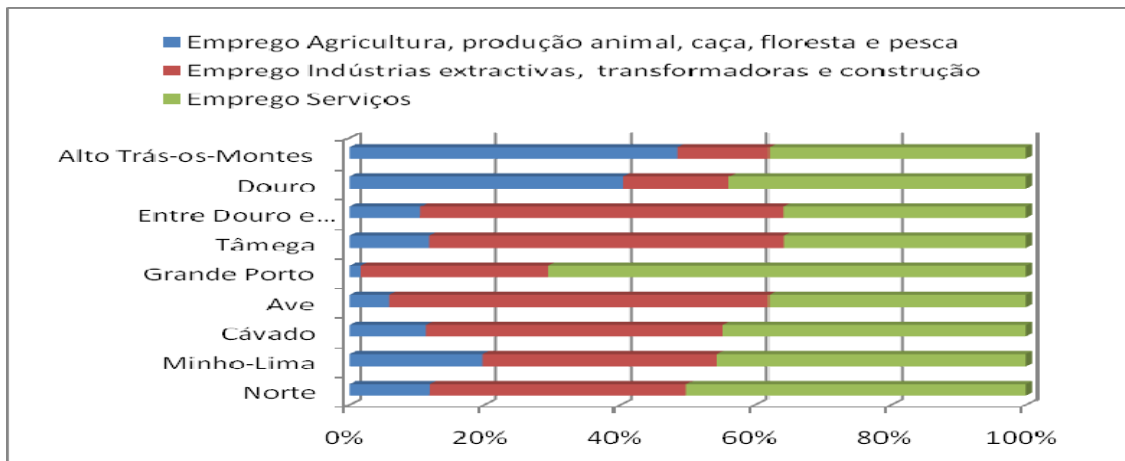


Figura 4: Estrutura do Emprego na RN

Com um grande peso industrial, as Nut's Ave (56,1%), Entre Douro e Vouga (53,6%), Tâmega (52,4%) e Cavado (44%). Com um peso maior dos serviços temos as Nut's Grande Porto (70,7%), única região com valor superior à média da RN (50%).

A produtividade teve uma evolução positiva em todas as regiões. No entanto, os valores de ATM e Douro estão na cauda da RN, juntamente com a nut Tâmega. Estas regiões têm uma produtividade que é quase metade da produtividade no Grande Porto, que está 7 pontos acima da média da RN e mais de 13 da produtividade de ATM, Douro e Tâmega. Porém é de realçar que o seu crescimento está ao nível da maior parte das nuts da RN.

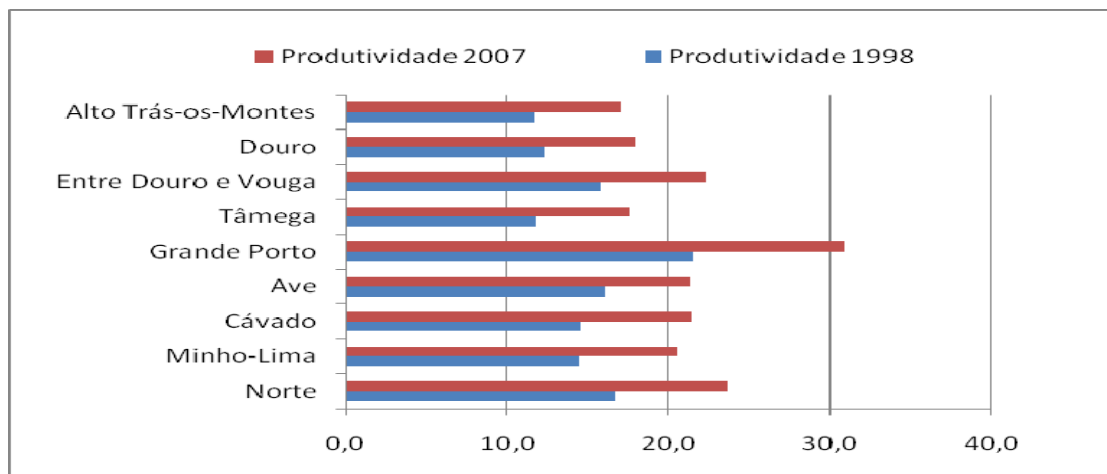


Figura 5: Evolução da Produtividade na RN, em 10³ EUROS

2.1. Padrão de Especialização Sectorial da Região Norte

Ao contrário do que seria previsível e desejável, ATM e Douro reforçaram a sua intensidade de localização na actividade agrícola e similares, em prejuízo da actividade industrial e dos serviços. O peso desta actividade, no Douro, era, em 2002, quase 3 vezes o peso que a agricultura tinha na RN, passando em 2007 a ser cerca de 3 vezes e meia; em ATM, a situação é ainda pior, uma vez que passa de 2,8 para mais de 4. Verifica-se uma transferência do pessoal do sector dos serviços para a agricultura, pois em 2002, os serviços tinham um peso semelhante ao da RN e, em 2007, apresentam um peso menor que a macro-região.

Tabela 2: Quociente de Localização por Sector de Actividade - Emprego

Anos	2002			2007			
	Quoc. Localiz.	Agric.	Ind.	Serviços	Agric.	Ind.	Serviços
Minho-Lima		2,72	0,82	0,74	1,66	0,91	0,91



Cávado	0,98	1,15	0,86	0,95	1,16	0,89
Ave	0,36	1,4	0,78	0,49	1,48	0,76
Grande Porto	0,25	0,82	1,36	0,14	0,73	1,41
Tâmega	1,09	1,26	0,73	0,99	1,38	0,71
E. D. e Vouga	0,51	1,39	0,75	0,89	1,41	0,71
Douro	2,93	0,44	1,04	3,41	0,41	0,87
Trás-os-Montes	2,8	0,37	1,15	4,09	0,36	0,76

Utilizando o VABpm, os resultados não diferem muito em termos relativos, mas há alterações, de valor absoluto, com algum significado. Em ATM e Douro, quer em 2002, quer em 2007, as actividades do sector agrícola têm um peso no VAB muito superior ao peso dessas actividades no VAB da RN. Em 2002, esse peso era 6,36 vezes superior no Douro, valor que diminuiu para 3,86 em 2007; em ATM os valores são semelhantes aos que se verificavam para o emprego. No que concerne ao sector industrial, a sua representatividade no VAB de TMAD é significativamente inferior à registada na RN, embora se tenha verificado uma aproximação, de 2002 para 2007.

No domínio do sector dos serviços, a evolução registada foi inversa à do sector agrícola, tendo a importância relativa deste sector no VAB de TMAD aumentado relativamente ao emprego, de tal forma que, em 2007, o peso deste sector no VAB de TMAD era semelhante ao seu peso no VAB da RN.

Tabela 3 - Quociente de Localização por Sector de Actividade - VAB

VAB	2002			2007		
	QL Agric	QL Ind	QL Serv	QL Agric	QL Ind	QL Serv
M. Lima	1,28	0,96	1,01	1,62	0,98	0,99
Cávado	1,21	1,13	0,91	1,32	1,12	0,93
Ave	0,48	1,54	0,70	0,67	1,46	0,78
G. Porto	0,41	0,75	1,18	0,4	0,74	1,14
Tâmega	1,08	1,23	0,86	0,82	1,28	0,86
E. D. Vouga	0,27	1,53	0,72	0,53	1,57	0,72
Douro	6,36	0,56	1,03	3,86	0,62	1,12
A. T.Montes	2,96	0,66	1,11	4,73	0,7	1,05

Ao nível empresarial, em 2008, era evidente a diferença de especialização produtiva entre TMAD e a RN. Um peso diminuto da indústria transformadora relativamente à média da RN, principalmente às regiões de Entre Douro e Vouga, Ave e Tâmega. Um peso importante na construção e no comércio.

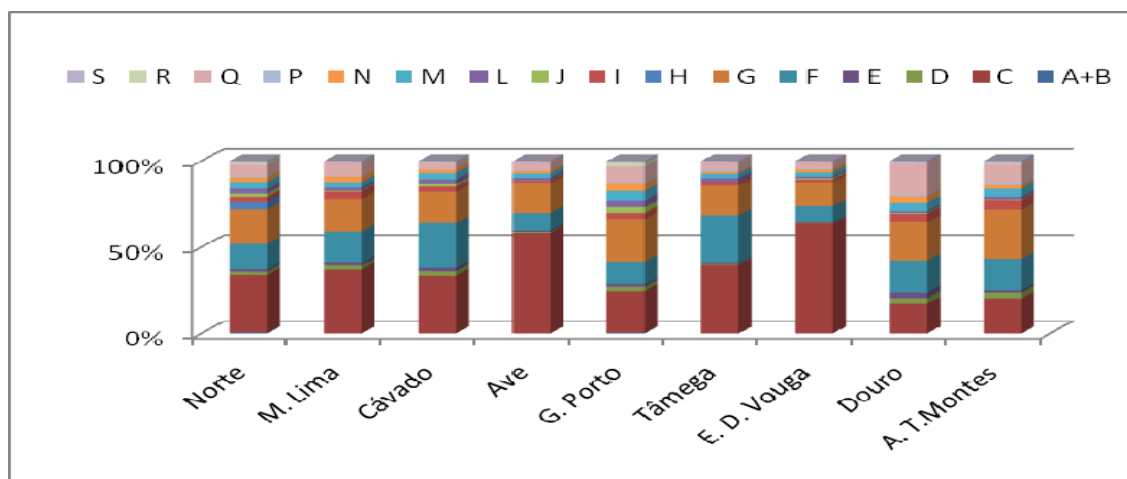




Figura 6: VAB das Empresas na RN, em 2008.

A indústria transformadora tem um peso de cerca de 16% em ATM e Douro, longe dos 33% da RN, nesta actividade. A construção é uma actividade muito importante em TMAD, bem como o comércio, que apresentam valores similares aos valores médios da RN. Nas actividades de saúde humana e apoio social, TMAD, principalmente a nut Douro, apresenta valores muito acima da RN.

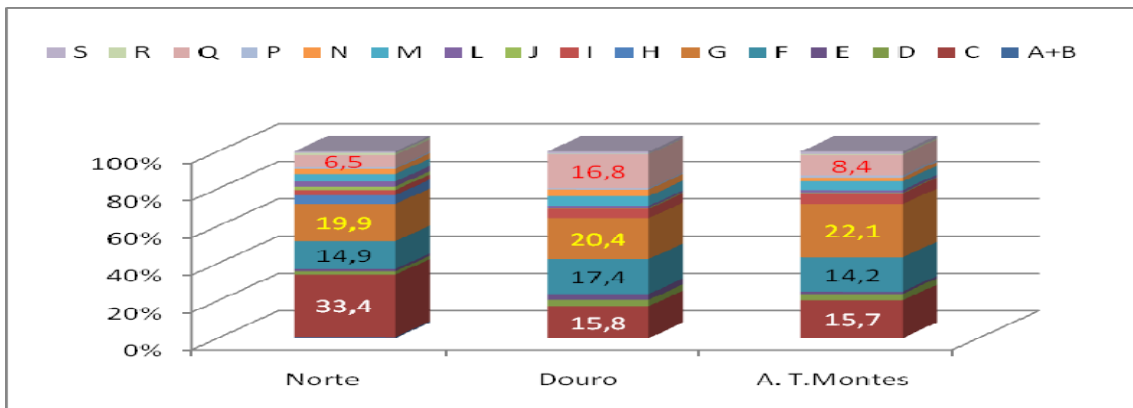


Figura 7: VAB das Empresas de ATM e Douro, relativamente à RN, em 2008

A utilização do emprego como indicador de base (em vez do VABpm) não altera de forma significativa as conclusões retiradas acerca do padrão de especialização sectorial do ATM. As empresas da Indústria Transformadora têm uma menor representação em TMAD que nas restantes regiões. O Comércio tem em todas as regiões um peso significativo, em termos de emprego, o mesmo acontecendo com a Construção, exceptuando o Ave e Entre Douro e Vouga. As empresas de Actividades de Saúde e Apoio Social estão mais representadas nas regiões menos desenvolvidas: ATM e Douro e Minho-Lima.

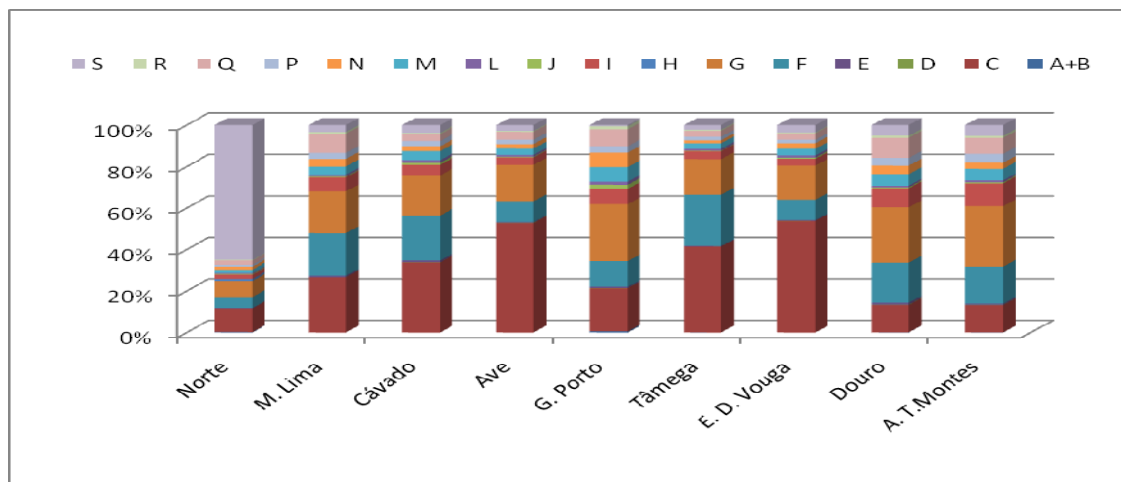


Figura 8: Pessoal ao serviço das Empresas na RN, em 2008

Em ATM é o Comércio (G) que ocupa a maior parte do pessoal ao serviço das empresas (29%), seguindo-se a Construção (18%) e a Indústria Transformadora (13%), e o Alojamento e a Restauração com 10%. No Douro, são as mesmas as actividades principais. De referir o grande peso das Actividades de Saúde e Apoio Social, no Douro, com pouco menos que 10%, e em ATM com um emprego de cerca de 8%. Apesar da sua importância, tem diminuído o peso, quer do Comércio, quer da Construção no total do emprego.

Pelo exposto, podemos concluir que a economia de TMAD se apresenta altamente terciarizada, apresentando ainda uma dependência face às actividades do sector primário muito acima da



média nacional. O seu tecido industrial é bastante incipiente e dependente de indústrias intensivas em recursos naturais e associadas às actividades de construção.

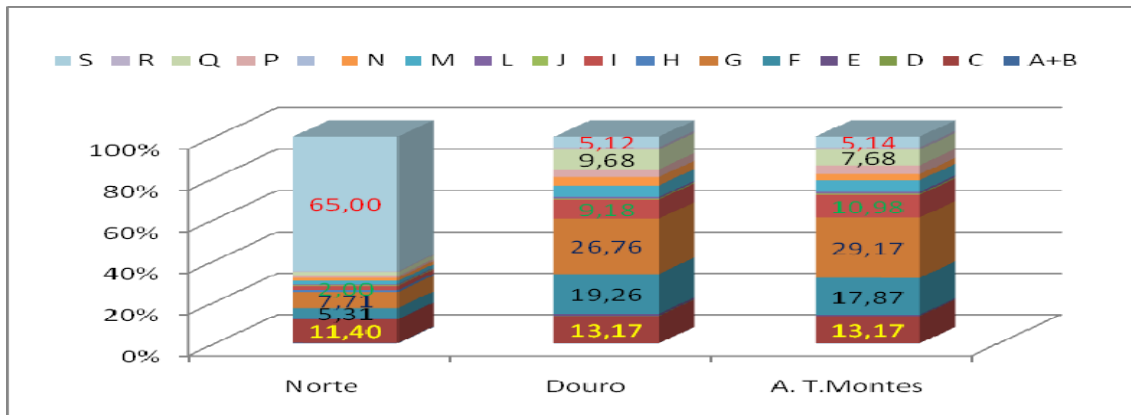


Figura 9: Pessoal ao serviço das Empresas de ATM e Douro, relativamente à RN, em 2008,.

Dada a importância do sector industrial para o desenvolvimento das regiões, bem como a importância relativa que assume em todas as Nut's da RN, em termos de pessoal ao serviço das empresas que se dedicam a essa actividade, passamos a uma análise do tecido industrial da Região Norte, utilizando como variável de análise do VAB e a distribuição do pessoal ao serviço das empresas com sede na região, pelas diferentes actividades industriais.

Relativamente ao VAB, na RN são o Vestuário, os Produtos Metálicos, os Têxteis e a indústria de couro que mais contribuem para o VAB da macro-região. Em termos de nuts 3, no Minho-Lima, são os Produtos Metálicos, os Veículos Automóveis, o Papel e Outros Equipamentos de Transporte, ao que mais contribuem para o VAB; no Cávado, é o Vestuário, os Têxteis e os Produtos Metálicos; no Ave, são os Têxteis e o Vestuário e os Artigos de Borracha e Plásticos; no G. Porto são as Indústrias Alimentares, as Bebidas, os Produtos Químicos e Sintéticos e os Produtos Metálicos; na nut Tâmega, são o Vestuário, os Couros e a indústria de Imobiliário e Colchões; em Entre Douro e Vouga, a Madeira e a Cortiça, os Couros e os Produtos Metálicos; no Douro, as indústrias de Bebidas, as indústrias Alimentares, Outros Produtos Minerais não Metálicos e Produtos Metálicos; em ATM, Produtos Metálicos, indústrias Alimentares, indústrias de Bebidas e Outros Produtos Minerais não Metálicos.

Ao contrário do que acontecia relativamente à distribuição das actividades económicas na RN, a importância relativa que as diversas indústrias têm nas Nut' III da RN, é muito heterogénea, como se pode ver no gráfico que se segue.

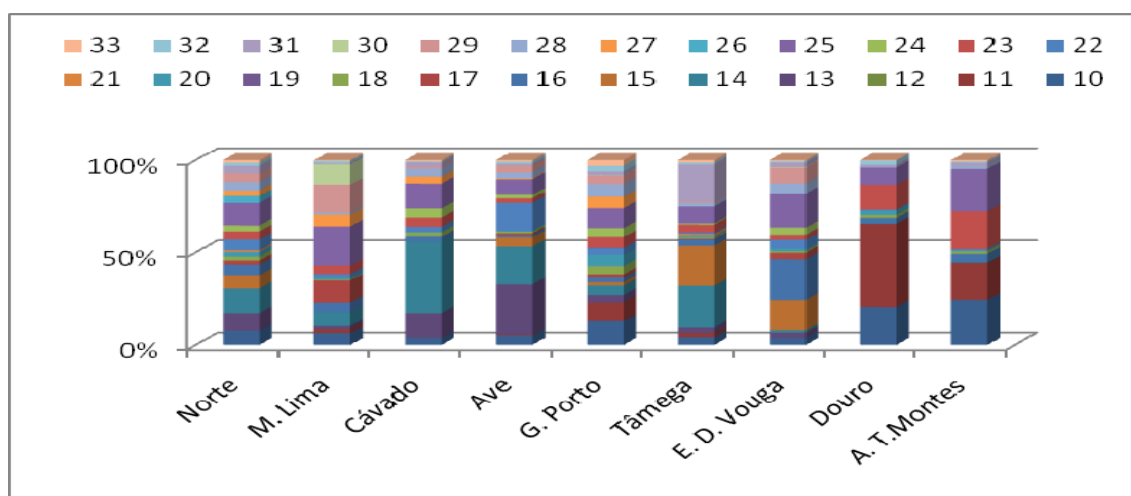


Figura 10: VAB das Empresas da Indústria Transformadora na RN, em 2008.



Se focarmos a atenção em TMAD e na RN, podemos dizer que a importância relativa das várias actividades industriais é idêntica nas duas nuts que constituem TMAD, mas muito diferente da RN. Predomínio das indústrias alimentares, bebidas, minerais não metálicos e produtos metálicos, em TMAD e têxteis, vestuário e couros, na RN.

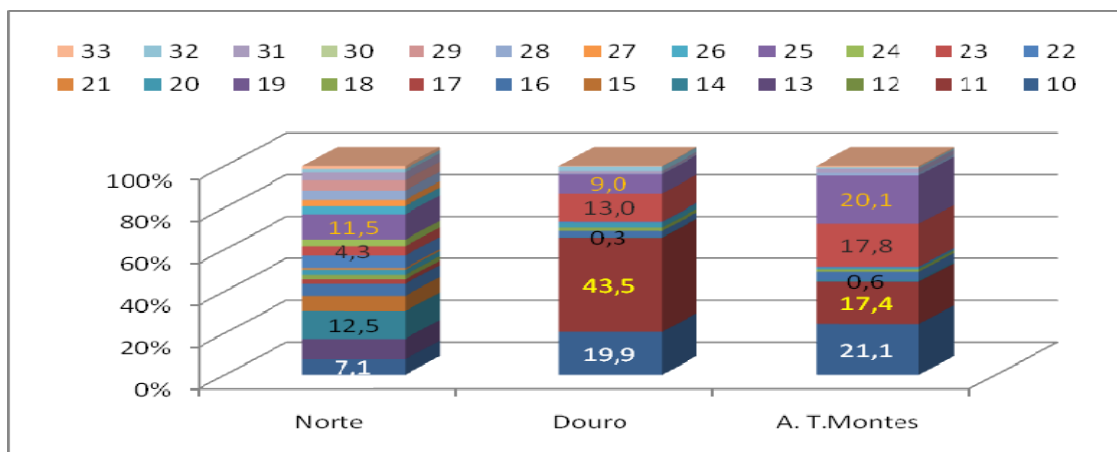


Figura 11: VAB das Empresas da Indústria Transformadora em ATM e Douro, relativamente à RN, em 2008.

O gráfico que se segue mostra as principais indústrias transformadoras das nuts da RN, tendo em conta o critério do número de empregados. Uma análise atenta, mostra que não há diferenças significativas entre a repartição tendo em conta o VAB e, esta, que tem em conta o número de trabalhadores.

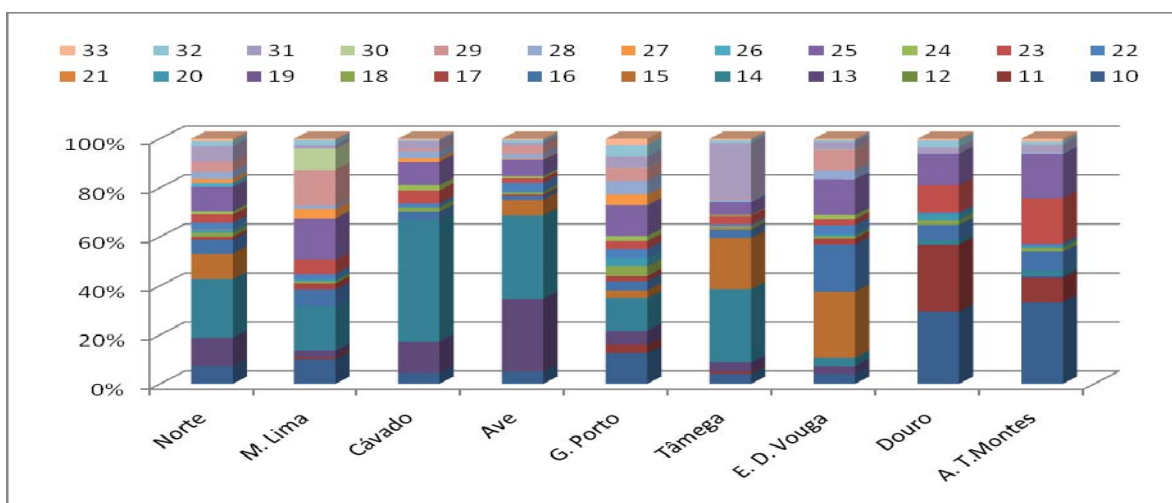


Figura 12: Pessoal ao serviço das Empresas da Indústria Transformadora, na RN, em 2008.

Cerca de um terço do emprego na indústria transformadora, em TMAD, verificava-se nas indústrias alimentares. Depois destas, empregavam mais os ramos da fabricação de produtos minerais não metálicos e de produtos metálicos e a indústria de bebidas, tendo esta uma maior importância, no Douro.

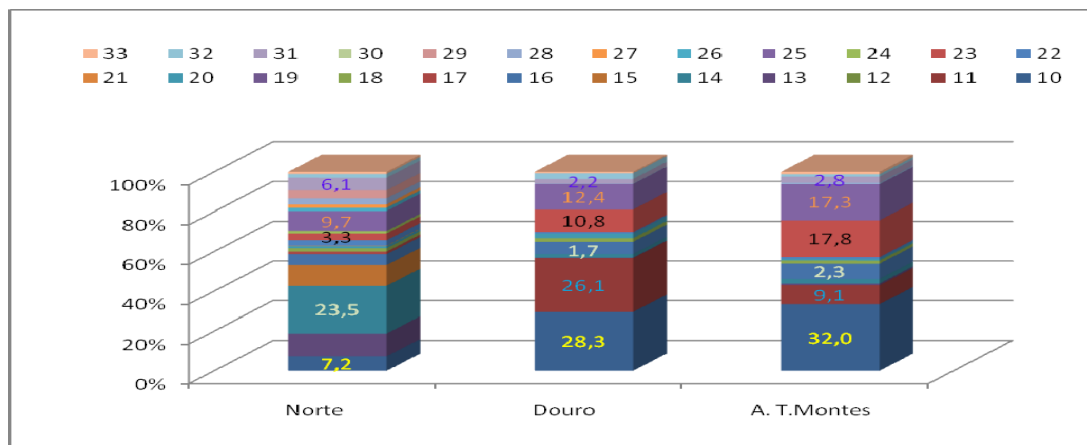


Figura 13: Pessoal ao serviço nas Empresas da Indústria Transformadora em ATM e Douro, relativamente à RN, em 2008,

Em síntese, uma análise, tendo em conta os dois critérios, permite ver que, quer a RN, quer ATM e Douro, apresentam uma grande concentração na indústria transformadora, aquela na indústria Têxtil, estas nas Indústrias Alimentares, das Bebidas e do Tabaco.

Relativamente a ATM, têm grande importância as seguintes actividades económicas industriais:

- **Indústrias alimentares** (essencialmente ligadas ao abate de animais, à produção produtos agro-alimentares em que se destacam as indústrias de óleos e gorduras animais e vegetais ligadas à refinação de azeita e as ligadas à preparação e transformação da castanha) e das **bebidas** (que se baseia no engarrafamento de águas minerais e em várias adegas e caves;
- **Fabricação de outros minerais não metálicos** (associadas à produção de materiais de construção e à transformação de mármore e granito);
- **Indústrias metalúrgicas de base e de produtos metálicos** (associadas à fabricação de elementos para a construção e ao tratamento e revestimento de metais

Quanto ao Douro, as indústrias mais importantes são as seguintes:

- **Indústrias alimentares** (essencialmente ligadas ao abate de animais, à produção produtos agro-alimentares em que se destacam as indústrias de óleos e gorduras animais e vegetais ligadas à refinação de azeita e as ligadas à preparação e transformação da castanha) e das **bebidas** (que se baseia no engarrafamento de águas minerais e em várias adegas e caves;
- **Fabricação de outros minerais não metálicos;**
- **Indústrias metalúrgicas de base e de produtos metálicos;**

Em conclusão, podemos concluir que ATM e Douro apresentam os menores valores do VAB na RN, apresentam um envelhecimento populacional, escassez de população e baixa densidade populacional, que originam taxas de actividade baixas, principalmente no Douro. A RN tem um padrão de especialização sectorial diferente do Douro e de ATM.

3. Especialização do Comércio Externo

3.1. Os Fluxos Comerciais Globais das Empresas Sediadas na Região

O comércio internacional da RN representa cerca de 32% do total do comércio internacional do País. Está, no entanto, concentrado em quatro das oito Nut's: Grande Porto, Ave, Entre Douro e Vouga e Cávado. As suas Exportações (expedições+exportações) representam mais de 85% do total da RN e as suas Importações (importações + chegadas) mais de 90%. Na cauda estão ATM e Douro, que no seu conjunto detêm apenas 1% das exportações e percentagem idêntica de importações. Os dados são retirados do INE [3].

Os indicadores do comércio internacional costumam ser subdivididos em quatro tipos: os gerais, os macroeconómicos, os sectoriais e os geográficos (GEP) [4]

- **Os Indicadores Gerais**

Dentro destes, começamos pela análise dos saldos comerciais, que exprimem os ganhos ou perdas, em valor, das trocas comerciais de um país com o exterior.

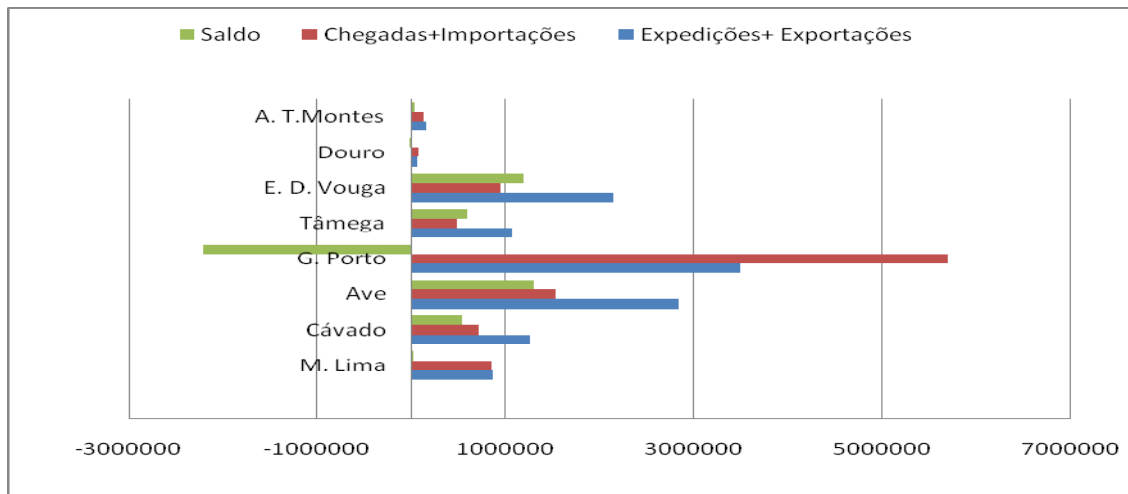


Figura 14: Balança Comercial da RN, por NUT's, 2009

No período 1996-2006, o valor das importações das empresas sediadas no ATM superou o das exportações, o que teve como consequência uma balança comercial deficitária. Em 2006, a cobertura das importações pelas exportações passa para 98% e em 2009 o saldo passa a ser positivo, com uma taxa de cobertura de 107%. No Douro, a taxa de cobertura era superior a 100%, mas, em 2009 ficou-se pelos 98%. Não deixa, contudo, de ser estranho que as duas NUT's com saldo comercial negativo serem o Grande Porto e Douro, ou seja, as que têm o maior e um dos menores índices de desenvolvimento, respectivamente. O Grande Porto tem uma taxa de cobertura das importações de apenas 70% e o Douro de 98%.

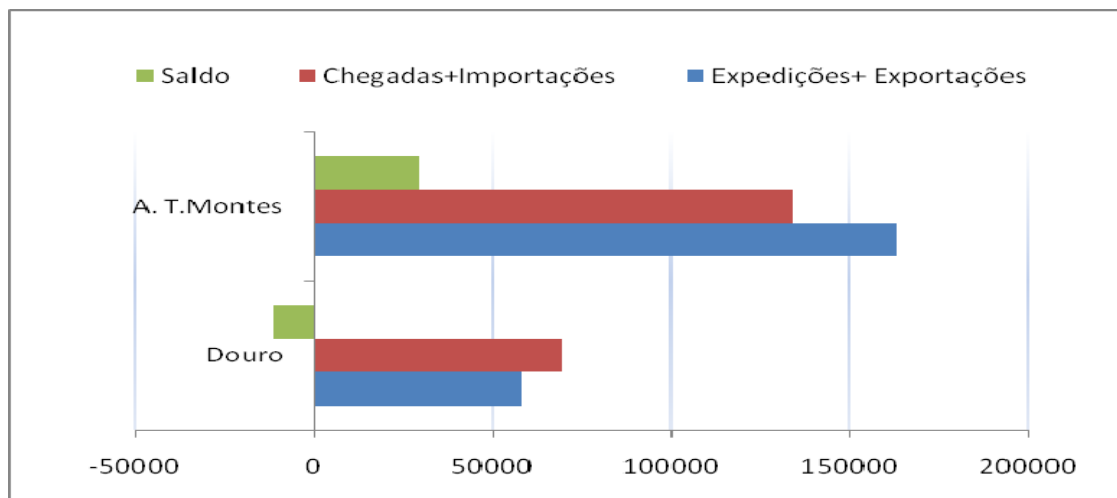


Figura 15: Comércio internacional de ATM e Douro, em 2009.

Contudo, o peso do comércio de ATM e Douro na RN é como vimos antes pouco significativo – cerca de 1% do total. Tem vindo a diminuir o peso do comércio extra-comunitário em ATM e no Douro, fruto da adesão à Comunidade Europeia e à aproximação a Espanha. No Douro, as saídas para países fora da Comunidade são menos de 23% do total de saídas e em ATM representam apenas 8%.

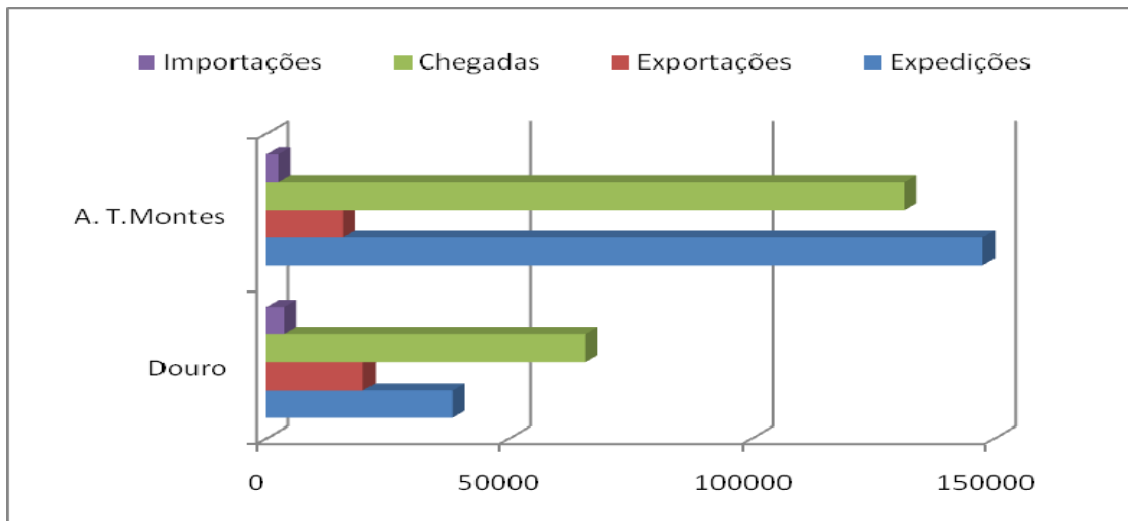


Figura 16: Peso do Comércio intra e extra-comunitário em ATM e Douro (2009).

- **Indicadores macroeconómicos**

O peso do comércio nas economias de ATM e Douro é muito baixo se o compararmos com o da RN. Enquanto que a economia da RN é muito aberta ao exterior – um grau de abertura próximo dos 60%, em ATM, embora o peso do comércio externo tenha vindo a aumentar, não ultrapassa em 2007, os 16%. Um valor muito baixo apresenta o Douro (7%). As economias de ATM e Douro são pois economias muito fechadas, em que o comércio com o exterior tem um peso muito baixo relativamente ao seu PIBpm.

O Ritmo de Integração Comercial, que permite comparar o ritmo de crescimento do comércio externo com o ritmo de crescimento da economia, aumentou em ATM e Douro, devido ao aumento da sua vocação exportadora, que se traduz na importância da contribuição das exportações para o PIB dessas regiões. Para uma análise mais correcta ao ritmo de integração comercial, analisamos a influência sobre o PIB das exportações e das importações, separadamente. A elasticidade das exportações em relação ao PIB permite referenciar o ritmo de evolução das exportações ao crescimento da economia (PIB). Em ATM, entre 1999 e 2007, o crescimento das exportações foi 53 vezes superior ao crescimento do PIB. No Douro o crescimento das exportações foi quase 9 vezes superior ao do PIB. Na RN as Exportações cresceram 17 vezes mais que o PIB. Quanto às Importações, na RN cresceram 16 vezes mais que o PIB, no Douro 17 vezes e em ATM 24,4 vezes. Isto mostra um comportamento negativo do Douro e muito positivo de ATM, quanto ao comportamento das exportações e das importações, nesse período.

3.2. Estrutura Sectorial das Trocas Externas da RN, do Douro e de ATM.

A RN exportava para a União Europeia, responsável por cerca de 80% do total das suas exportações, principalmente Vestuário, Máquinas e Aparelhos e Calçado. Quanto às principais importações da RN temos Máquinas e aparelhos, Têxteis e Metais comuns.

Uma análise comparativa da RN com as Nut's que constituem a região de TMAD permite-nos concluir que a estrutura produtiva e de comércio externo destas duas Nut's que a constituem, nada têm a ver com a RN onde estão geograficamente inseridas.

No Douro predominam as exportações de produtos das Indústrias Alimentares e Bebidas e estranhamente da indústria do Calçado, tendo também importância relativa o Vestuário e os Produtos Minerais e pouca importância os produtos agrícolas. No que respeita às Entradas, há uma maior dispersão de grupos de produtos, assumindo um maior peso relativo os Produtos Agrícolas e os produtos das Indústrias Alimentares e Bebidas, seguindo-se as Máquinas e Aparelhos, os Metais Comuns e os Produtos Químicos.

Em ATM, há uma grande concentração das suas exportações em dois grupos de produtos: os Produtos Agrícolas e os Produtos Minerais. Os restantes produtos exportados são a Madeira e Cortiça e os produtos das Indústrias Alimentares e de Bebidas. No que se refere às Importações, verifica-se uma maior diversidade, surgindo como produtos mais importados os



Produtos Agrícolas e os Produtos Minerais. Com alguma importância surgem os Metais Comuns, as Máquinas e Aparelhos e a Madeira e Cortiça.

3.3. A Estrutura Geográfica das Trocas da Região

Em termos geográficos, o comércio da RN com os países da UE é significativamente maioritário, tendo pouca expressão o comércio extracomunitário. Sabendo-se que cerca de 80% do comércio da RN se destina aos nossos parceiros da União Europeia, interessa saber quais, de entre esses, são os parceiros privilegiados. No que respeita ao destino das trocas, são Espanha, a Alemanha, a França e o Reino Unido os principais clientes. Os fornecedores principais são os mesmos, trocando de posição o Reino Unido com a Itália, reforçando a Espanha o seu peso na RN. Os produtos do Douro têm como principais destinos a França, o Reino Unido e só depois a Espanha. Vêm logo a seguir a Holanda e a Alemanha. Relativamente aos produtos importados pelo Douro, assume uma importância enorme a Espanha que é a origem de quase dois terços das importações do Douro.

A importância da Espanha, como parceiro comercial, principalmente exportador é maior ainda quando nos referimos ao comércio externo de ATM. Das expedições de ATM, quase 70% do total têm como destino Espanha. Se a estas adicionarmos as exportações para França, segundo parceiro comercial, obtemos um total de quase 90% do total. A Itália e o Reino Unido quase que completam o grupo de importadores dos produtos de ATM. O peso que a Espanha tem como exportador para ATM é praticamente o mesmo que tem como importador. Seguem-se a Dinamarca e a França.

3.4 . Especialização Inter e Intra-Industrial da RN e das Nut's de ATM e Douro

Com base nos dados do INE (2002) [5] e (2009) [3] foi possível identificar os principais sectores importadores e exportadores da RN, de ATM e do Douro, ou seja, as exportações líquidas, por sector, bem como os graus de especialização intra e inter-industrial.

Relativamente à RN e às suas exportações líquidas, verificamos uma especialização nas secções IV, IX, XI, XII, XX e XXI. Isto significa que a RN é exportador líquido de, por ordem de importância, em:

- Calçado e produtos afins (XII);
- Madeira e Cortiça (IX);
- Matérias Têxteis (XI);
- Produtos das indústrias alimentares, bebidas alcoólicas e vinagre (IV);
- Mercadorias e produtos diversos (XX);
- Objectos de arte, de colecção e de antiguidades (XXI).

Passados 7 anos, as exportações líquidas da RN são praticamente as mesmas:

- Calçado e produtos afins (XII);
- Madeira e Cortiça (IX);
- Pérolas e Metais Preciosos (XIV);
- Matérias Têxteis (XI);
- Armas e Munições (XIX);
- Mercadorias e produtos diversos (XX);
- Produtos das indústrias alimentares, bebidas alcoólicas e vinagre (IV);
- Material de Transportes (XVII).

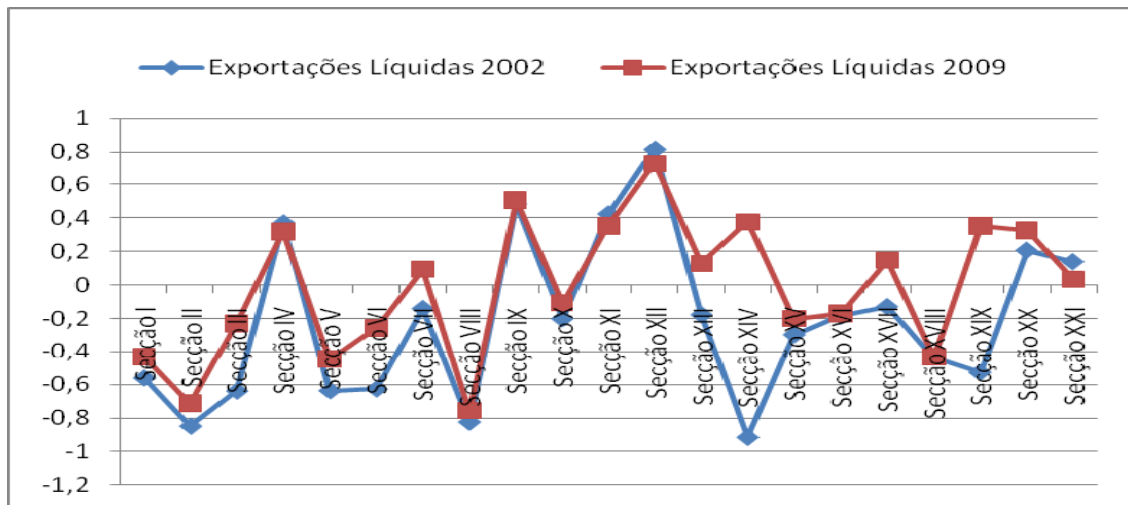


Figura 17: Especialização Exportadora e Importadora da RN.

Como importador líquido a RN apresenta como principais sectores os seguintes, por ordem de importância:

- Pérolas, metais preciosos e não preciosos, bijuterias (IV);
- Produtos do reino vegetal (II);
- Peles, couros e suas obras (VIII);
- Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais (III);
- Produtos Minerais (V);
- Produtos de indústrias químicas e produtos conexos (VI).

Em 2009, a RN é importador líquido:

- Peles, couros e suas obras (VIII);
- Produtos do reino vegetal (II);
- Produtos Minerais (V);
- Animais vivos e produtos do reino animal (I);
- Aparelhos de óptica (XVIII).

Passando ao índice de comércio inter-industrial que relaciona a taxa de cobertura de um sector com a taxa de cobertura do total do comércio, numa dada região, ou seja,

$$\frac{X_i}{M}$$

$\frac{M_i}{X}$, medindo o grau de especialização de cada sector, isto é, traduzindo a maior ou menor

$$M$$

propensão de uma região para se especializar e basear a exportação num determinado sector, em detrimento de outros, *como refere o* GEPE [4].

Este índice permite estudar as vantagens ou desvantagens comparativas dos vários sectores de actividade da região. A RN, conforme o gráfico acima apresentado, apresenta vantagens comparativas principalmente em:

- Calçado, chapéus, guarda chuvas e produtos afins (XII);
- Produtos das indústrias alimentares, bebidas alcoólicas e vinagre (IV);
- Madeira e cortiça e suas obras; carvão vegetal (IX);
- Matérias têxteis e suas obras (XI).

Por outro lado, A RN apresenta desvantagens comparativas acentuadas nos seguintes sectores:

- Produtos do Reino Vegetal (II)
- Peles, couros e suas obras (VIII);
- Produtos Minerais (V);
- Produtos das Indústrias Químicas (VI);
- Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais (III).

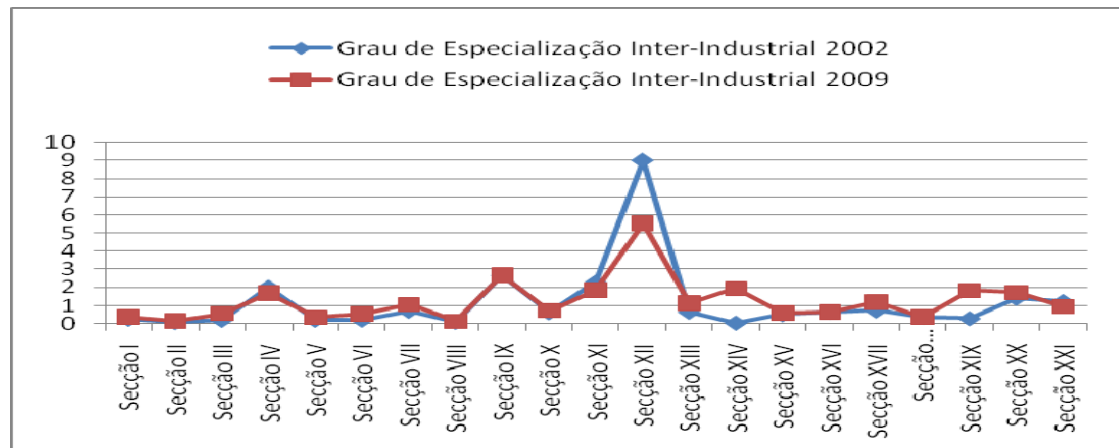


Figura 18: Especialização Inter-Industrial da RN

O índice de comércio intra-industrial que se calcula pela seguinte expressão

$$1 - \frac{|X_i - M_i|}{(X_i + M_i)}$$

, conforme Grubel e Loyd, mede a importância das trocas intra-industriais no

total das trocas comerciais de cada sector.

Este índice permite complementar a análise das vantagens comparativas já que traduzindo a importância do comércio intra-ramo, permite saber o comércio que se regista entre produtos idênticos (bens homogêneos) ou semelhantes (bens diferenciados) GEPE [4].

Um valor nulo deste índice indica que o comércio é inter-ramo na totalidade, ao passo que um valor igual à unidade significa que o comércio do ramo é totalmente intra-ramo.

A RN apresenta uma especialização intra-industrial nos seguintes sectores:

- Minerais não metálicos, vidro e cerâmica e suas obras (XIII);
- Material de transportes (XVII);
- Plásticos e suas obras; borracha e suas obras (VII);
- Pasta de madeira, papel e suas obras (X);
- Máquinas, aparelhos e material eléctrico (XVI);
- Objectos de arte, de colecção e de antiguidades (XXI).

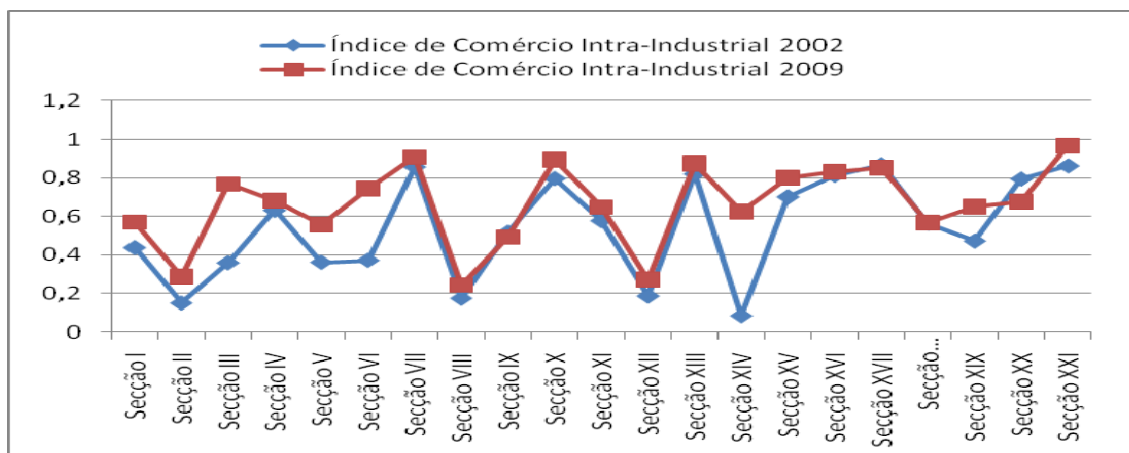


Figura 19: Especialização Intra-Industrial da RN

Não sendo conhecidos dados recentes, por nuts 3, e verificando que a RN não sofreu alterações significativas de 2002 para 2009, vamos fazer a análise de TMAD (ATM e Douro), tendo como base os valores conhecidos de 2002, esperando que seja possível, brevemente, corrigir esta limitação imposta pelo sistema de estatísticas portuguesas.

Relativamente ao Douro e às suas exportações líquidas, verificamos uma especialização nas seções XII, XIII, IV, XI e XX. O Douro é exportador líquido de, por ordem de importância, em:



- Calçado e produtos afins;
- Minerais não-metálicos, vidro e cerâmica;
- Produtos das indústrias alimentares, bebidas alcoólicas e vinagre;
- Matérias têxteis e suas obras;
- Mercadorias e produtos diversos.

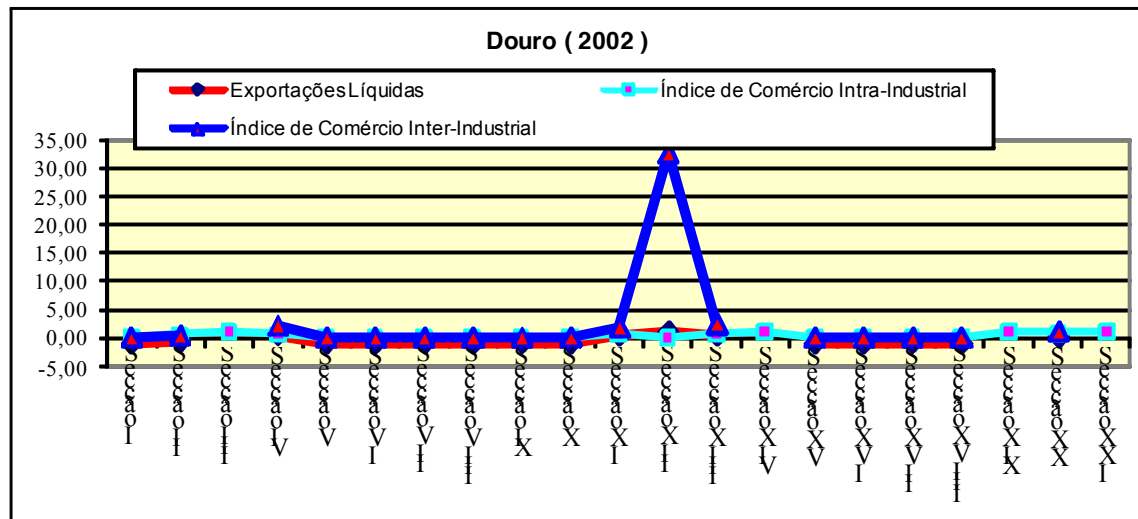


Figura 20: Especialização Inter e Intra-Industrial do Douro

Como importador líquido o Douro apresenta como principais sectores os seguintes, por ordem de importância:

- Produtos Minerais (V);
- Produtos das Indústrias Químicas (VI);
- Animais vivos e produtos do reino animal (I);
- Madeira e cortiça e suas obras; carvão vegetal (IX);
- Peles, couros e suas obras (VIII);
- Material de transportes (XVII);
- Máquinas, aparelhos e material eléctrico (XVI);
- Plásticos e suas obras; borracha e suas obras (VII);
- Pasta de madeira, papel e suas obras (X);
- Artigos de relojoaria, cinematografia, óptica (XVIII);
- Metais comuns e suas obras (XV).

O Douro, conforme o gráfico acima apresentado, apresenta vantagens comparativas principalmente em:

- Calçado, chapéus, guarda chuas e produtos afins (XII);
- Produtos das indústrias alimentares, bebidas alcoólicas e vinagre (IV);
- Minerais não-metálicos, vidro e cerâmica (XIII);
- Matérias têxteis e suas obras (XI).

Por outro lado, o Douro apresenta desvantagens comparativas acentuadas nos restantes sectores.

A Nut Douro apresenta uma especialização intra-industrial nos seguintes sectores:

- Minerais não metálicos, vidro e cerâmica e suas obras (XIII);
- Matérias têxteis e suas obras (XI).
- Produtos das indústrias alimentares, bebidas alcoólicas e vinagre (IV);

Relativamente a ATM e às suas exportações líquidas, verificamos uma especialização nas secções II e XX. Isto significa que ATM é exportador líquido de, por ordem de importância, em:

- Produtos do reino vegetal (II);
- Mercadorias e produtos diversos (XX).

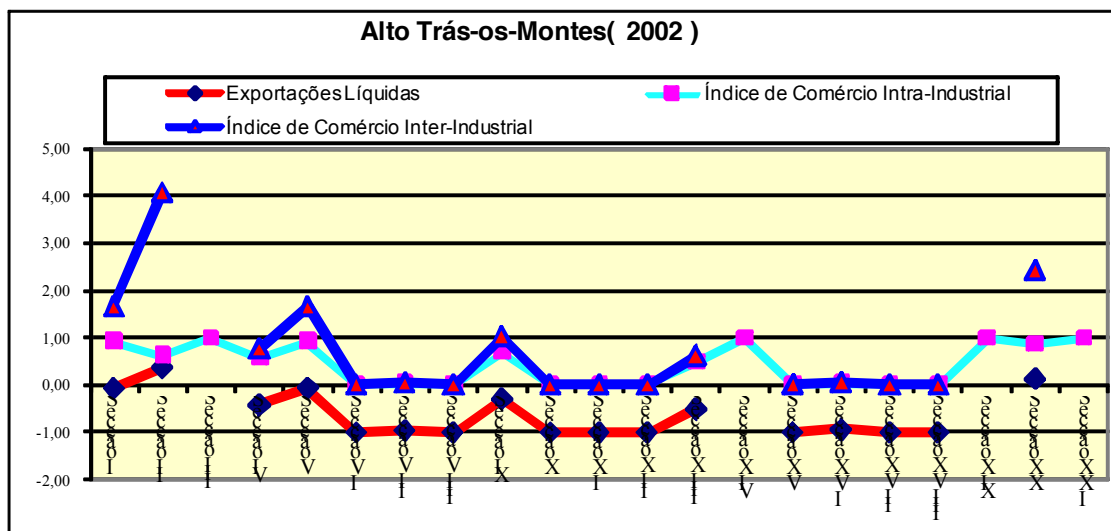


Figura 21: Especialização Inter e Intra-Industrial de ATM

Como importador líquido ATM apresenta os restantes sectores, sendo os mais significativos:

- Peles, couros e suas obras (VIII);
- Pasta de madeira, papel e suas obras (X);
- Calçado, chapéus, guarda-chuvas e produtos afins (XII);
- Produtos de indústrias químicas e produtos conexos (VI);
- Máquinas, aparelhos e material eléctrico (XVI);
- Matérias Têxteis e suas obras (XI);
- Artigos de relojoaria, cinematografia, óptica (XVIII)

Passando ao índice de comércio inter-industrial, ATM, conforme o gráfico acima apresentado e o quadro em anexo, apresenta vantagens comparativas principalmente em:

- Produtos do reino vegetal (II);
 - Mercadorias e produtos diversos (XX);
 - Animais vivos e produtos do reino animal (I);
- Produtos Minerais (V).

Por outro lado, ATM apresenta desvantagens comparativas acentuadas nos seguintes sectores:

- Peles, couros e suas obras (VIII);
- Calçado, chapéus, guarda chuvas e produtos afins (XII);
- Máquinas, aparelhos e material eléctrico (XVI);
- Produtos das indústrias químicas e produtos conexos (VI);
- Material de transportes (XVII).
- Plásticos e suas obras; borracha e suas obras (VII);
- Pasta de madeira, papel e suas obras (X);
- Matérias Têxteis e suas obras (XI);
- Metais comuns e suas obras (XV);
- Artigos de relojoaria, cinematografia, óptica (XVIII).

ATM apresenta uma especialização intra-industrial nos seguintes sectores:

- Animais vivos e produtos do reino animal (I);
- Produtos Minerais (V).
- Mercadorias e produtos diversos (XX);
- Produtos do reino vegetal (II);
- Produtos das indústrias alimentares, bebidas alcoólicas e vinagre (IV).

3. CONCLUSÃO



Com o presente estudo procuramos contribuir para identificar e clarificar as especificidades do padrão de especialização produtiva e internacional da região de TMAD. Ao longo do presente trabalho foi possível verificar que a economia desta região se apresenta altamente terciarizada, com menor concentração de emprego no sector secundário e a maior concentração de emprego no sector primário.

O padrão de especialização da região é significativamente distinto do evidenciado pela da região norte e pelo país.

Uma análise baseada nas actividades segundo a CAE REV.2, mostra grandes diferenças de especialização entre as Nut's III da RN. Na RN são as sociedades que se dedicam à Indústria Transformadora (D) que mais pessoas empregam, mais de metade do total, seguindo-se o Comércio por Grosso e a Retalho (G) e a Construção (F). Em ATM e Douro, são o Comércio por Grosso e a Retalho (G), e a Construção (F) que têm a maior importância, o mesmo acontecendo com o Alojamento e a Restauração, em ATM, e a Agricultura, no Douro. A indústria transformadora tem um peso importante no emprego de TMAD, mas com um peso que representa metade do peso dessas indústrias na RN.

Apesar da importância relativa que a Indústria Transformadora tem, quer na RN, quer em ATM e Douro, uma análise mais cuidada mostra diferenças significativas dentro desta actividade: enquanto na RN é a Indústria Têxtil que tem maior peso, em termos de emprego, em ATM e Douro são as Indústrias Alimentares e Bebidas. Em ATM tem também importância significativa a produção associada à Construção e à Transformação de Granitos.

A especialização sectorial de ATM traduz-se também nos aspectos relacionados com o comércio externo. Relativamente aos produtos, a RN, tal como o país, apresenta uma grande abertura ao exterior, bem como uma grande vocação exportadora. O mesmo não acontece com ATM e Douro, que são economias muito fechadas ao exterior e com uma vocação exportadora muito frágil.

ATM tem como principais sectores exportadores os produtos agrícolas e os produtos minerais. Em termos de especialização do comércio externo é exportador líquido de produtos do reino vegetal e de mercadorias e produtos diversos.

O Douro tem como principais sectores exportadores as indústrias alimentares e bebidas, o calçado e o Vestuário.

A região de TMAD continua pois a exportar produtos de sectores intensivos na utilização de recursos naturais, ao contrário do que acontece hoje na RN e no País. Quer ATM, quer o Douro, apresentam uma grande concentração do comércio externo, sendo parceiros comerciais principais a Espanha, a França o Reino Unido e a Alemanha.

Os problemas de funcionamento dos mercados são um dos principais estrangulamentos à estrutura produtiva da região. Como se referiu, a vocação exportadora TMAD é muito baixa, pelo que a maioria das empresas produzem para o mercado local ou regional. É por isso necessário orientar a oferta local para a captação de clientes não residentes. A proximidade a Castela e Leão e à Galiza, sem esquecer a Região Norte do país, possibilitam o desenvolvimento de uma estratégia orientada para estes mercados. É com a expansão dos mercados que se pode criar as condições para uma estratégia ao nível do mercado internacional.

Bibliografia

1. Figueira, J., *Evaluación del nivel de desarrollo de las NUTS III de la Región Norte de Portugal e Provincias de Castilla y León, a través del Indicador Sintético de Distancia –P2*, Tesina, Universidad de Valladolid, Valladolid, (2001).
2. Instituto Nacional de Estatística, *Contas Regionais*. INE, Lisboa, (2010).
3. Instituto Nacional de Estatística, *Anuário Estatístico da Região Norte*. INE, Lisboa, (2009).
4. Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica, *Base de dados do comércio internacional*. GEPE, Lisboa, (2000).
5. Instituto Nacional de Estatística, *Ficheiro Geral de Unidades Estatísticas*, INE, Lisboa, 2002.



RECURSOS HUMANOS Y MERCADO DE TRABAJO EN LA EURORREGION GALICIA NORTE DE PORTUGAL

Melchor Fernandez¹, Maria del Carmen Vilariño

¹ Instituto de Estudos e Desenvolvimento de Galicia (Idega)-USC, Avda. das Ciencias, Chalet nº 1, Santiago de Compostela - 15782, España.

RESUMEN

El propósito de este artículo es analizar la evolución del mercado de trabajo de la eurorregión Galicia Norte de Portugal (EGNP) a lo largo de la última década. En la medida de lo posible se realiza un análisis dinámico de todos los aspectos considerados, lo que proporciona una imagen gráfica de los importantes cambios que se han producido. En concreto, se describe la evolución de una serie de indicadores clave del mercado de trabajo, como son las tasas de actividad, empleo y paro para diferentes colectivos prioritarios en el diseño de la política comunitaria (jóvenes, mayores, mujeres...), la evolución de las diferencias por género en dichos ratios, así como la de una serie de indicadores alternativos vinculados a la calidad en el empleo. Aunque nuestros resultados apuntan a que durante el período de análisis se aprecia un comportamiento convergente en cuanto a los principales indicadores del mercado laboral no podemos concluir que sea resultados de una dinámica común fruto de una mayor integración económica de ambos territorios. Adicionalmente, los datos revelan que la actual recesión económica ha provocado que parte de los logros conseguidos hasta el año 2007 se hayan difuminado.

Palabras-clave: actividad, ocupación, paro, regional, estrategia de Lisboa

I.- INTRODUCCIÓN

La Eurorregión económica integrada por Galicia y el Norte de Portugal (EGNP), regiones atrasadas y periféricas en el contexto de la Unión Europea, es un escenario privilegiado para analizar los resultados del proceso de creación del mercado común europeo. La integración de España y Portugal en el espacio económico y político europeo, generó una nueva dinámica en las relaciones entre los agentes institucionales, económicos y sociales facilitando un inmenso campo de oportunidades, muy especialmente en los territorios fronterizos como Galicia y el Norte de Portugal (NP), que hasta ese momento se caracterizaban por el escaso nivel de cooperación y aprovechamiento de las sinergias potenciales, y que presentaban dificultades similares respecto a competitividad, desarrollo y convergencia con los niveles europeos (Ares y Rey, 2008; Bande y Fernández, 2007).

Veinticinco años después de iniciado el proceso de integración europea los avances son muy significativos, y tanto Galicia como el NP son mucho más prosperas económicamente. Galicia pasó de una renta per capita que suponía solo el 55% de la media europea en 1986 (año en que ocupaba la 18ª posición entre las regiones más pobres) al 66,5% en 2001 (pasando a ser la 34ª región más pobre). Por su parte, el NP era en 1986 la 14ª región más pobre de la UE15 con el 51,1% del PIBpc medio. Una década más tarde su posición mejoró sensiblemente pasando a ser la 23ª con un PIBpc del 62%. No obstante, en los últimos años el proceso de convergencia del NP se ha frenado en seco provocando un alejamiento de la media comunitaria, y situando de nuevo a esta región entre las más pobres de la UE27 (en concreto, en 2007 con un 60,3% del PIBpc ocupa la posición 233 entre las 271 regiones consideradas).

No obstante, el fortalecimiento de la cohesión y la cooperación económica y social ha aportado innumerables ventajas a la EGNP, que han servido para superar las desventajas naturales derivadas de su condición periférica. Pero también, se han acentuado algunos problemas entre los que destaca la débil dinámica poblacional y el aumento de las diferencias internas (franja litoral en ascenso frente a zonas interiores en grave declive). Pero, efectivamente, desde el inicio del siglo XXI se constata un proceso de divergencia en renta per cápita entre ambas regiones que pone en duda la existencia de externalidades positivas para el conjunto de la EGNP vinculadas al proceso de integración económica iniciado en 1986. Mientras que Galicia



(Gráfico 1) ha conseguido mejorar significativamente su posición en términos de Producto Interior Bruto per cápita (PIBpc), tanto en el contexto europeo como en su propio país (la tasa de crecimiento media entre 2000 y 2007 del PIB per capita en términos reales fue de 2,99% muy por encima de la media de la UE-27, 1,80%), el NP ha perdido posiciones al crecer solo al 0,39% en media.

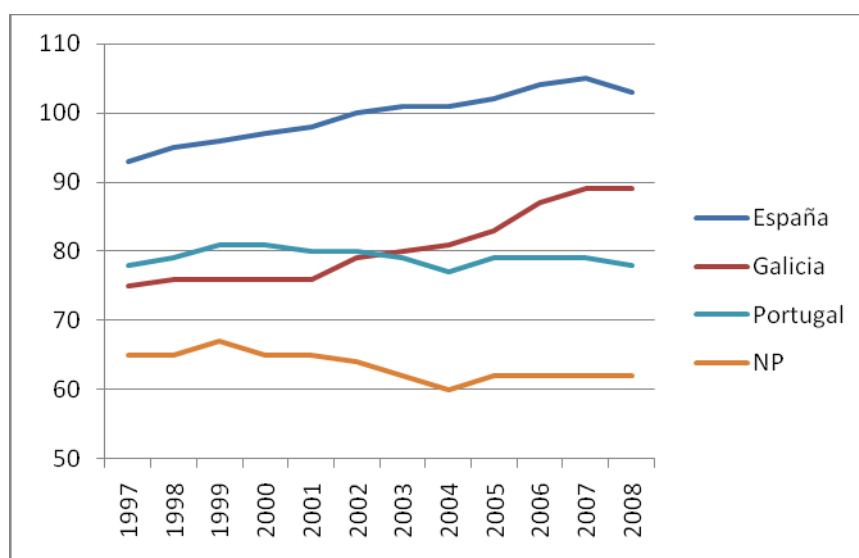


Gráfico 1: PIB per cápita en porcentaje UE-27

Fuente: Elaboración propia, B. REGIO, Eurostat

Esta divergencia en términos de renta no parece trasladarse al mercado laboral, donde la situación es aparentemente muy diferente, al menos en los resultados macroeconómicos. En 1999, la tasa de paro gallega multiplicaba por casi cuatro la tasa de la RN (16,2% frente a 4,6%). Ocho años después, la tasa de paro del NP superaba a la gallega (9,4% y 7,4% respectivamente), aunque la diferente intensidad de la destrucción de empleo vinculada a la actual crisis económica (la tasa de paro gallega se ha incrementado en dos años en cinco puntos porcentuales) ha vuelto a situar la tasa gallega por encima (12,6% y 11%).

El propósito de este trabajo es cuantificar los efectos de la evolución divergente de ambas economías regionales sobre los resultados macroeconómicos del mercado laboral. El enfoque adoptado consiste en comparar la situación en la que se encontraba en 1999 con la situación actual. En la medida de lo posible se realiza un análisis dinámico de todos los aspectos considerados, y aunque su objetivo es esencialmente descriptivo, la simple confirmación de los hechos más sobresalientes acaecidos durante este amplio periodo hace inevitable que se planteen cuestiones acerca de sus causas y posibles soluciones. Para ello, en primer lugar analizamos hasta qué punto la divergencia en renta se traduce en una convergencia en las cifras macroeconómicas laborales. En segundo lugar, examinaremos qué parte de este proceso está directamente relacionado con la creación de un mercado de trabajo común y no es sólo el resultado de dinámicas nacionales contrapuestas, a las que cada región independientemente se ha vinculado. Este trabajo finaliza con un breve resumen de los resultados más interesantes y con algunas reflexiones en torno a la evolución futura del mercado de trabajo de EGNP.

II.- Hechos estilizados

Existe una serie de hechos estilizados, a modo de comportamientos observados, que conforman el núcleo de esta investigación comparativa y que hacen referencia a diversos aspectos relacionados con la población, actividad, ocupación, desempleo, movilidad y los niveles de formación y cualificación de los recursos humanos.

II.1.- EVOLUCION DEMOGRÁFICA

El primer hecho estilizado a considerar, es que Galicia a diferencia del NP muestra una débil dinámica poblacional y un fuerte proceso de envejecimiento. Aunque la suma de ambos



elementos no ha supuesto una reducción en la población potencialmente activa gallega, si han afectado de forma muy relevante a la tasa de actividad condicionando de forma severa el futuro a medio plazo. Entre 1991-2001 las diferencias en la evolución de la población entre ambas regiones eran muy significativas, indicando dinámicas contrapuestas (crecimiento del 4,4% para NP y disminución del 0,03% para Galicia), mientras que en los últimos años la situación evolucionó de forma muy similar en ambas regiones, que desde esta fecha alejan sus indicadores demográficos de sus referentes nacionales.

La débil evolución de la población en Galicia ha favorecido su envejecimiento, que como se puede comprobar en la Tabla 1, no es una característica exclusiva de la economía gallega, pero sí se da en mucha mayor medida que en otras economías de su contexto. En todo caso, y al contrario de lo que ocurría con la dinámica poblacional, el envejecimiento de la población en el NP es claramente más lento que en Galicia, con lo que cada vez, las diferencias respecto a la estructura poblacional, son mayores. El NP mantiene a finales de 2008 una población en edad inferior a 15 años superior a la población que supera los 65 años. Por su parte, en Galicia, la población de menos de 15 años apenas supera la mitad de la población con más de 65. Aunque el NP es una región relativamente joven en el contexto europeo, en los últimos años está perdiendo aceleradamente población en el tramo inferior de edad, a la vez que se incrementa el porcentaje de población de más de 65 años. Ambos procesos están claramente vinculados a la fuerte salida al extranjero de población en edad de trabajar (según el Instituto Nacional de Estadística portugués en 2003 más del 40% de los emigrantes de Portugal tienen su origen en el NP).

Tabla 1: Indicadores Demográficos EGNP

Países NUTs II	y	Área (2008)	Población Residente (31-XII-2008)	Densidad Poblac. (2008)	Crecimiento Poblacional		Tasa Bruta Natal. (2008)	Tasa Bruta Mortal. (2008)	Jóvenes (0-14 años) (31- 12-2008)	Mayores de 64 años (31-12- 2008)	Índice de Envejec. (2008)	Saldo migratorio 1992-2001
					1991- 2001	2001- 2008						
		km ²	000 individuos	hab./ km ²	%	%	‰	‰	%	%	nº	000 individuos
Portugal		92.094,4	10.627	115,4	3,7	2,6	9,8	9,8	15,3	17,6	115,5	259,8
España		505.991,1	45.828	90,6	5,8	12,3	11,4	8,4	14,6	16,6	114,2	n.d.
NP		21.283,9	3.745	176,0	4,4	1,6	9,2	8,4	15,6	15,5	99,3	35,7
Galicia		29.574,4	2.784	94,1	0,05	1,9	8,5	10,8	11,4	21,9	192,3	48,2
Dif. España- Portugal		413.896,7	35.200	-24,8	2,1	9,6	1,5	-1,4	-0,7	-1,0	-1,3	-259,8
Dif. Galicia- RNP		8.290,5	-961	-81,8	-4,4	0,3	-0,8	2,4	-4,2	6,4	93,0	12,5

Fuente: Elaboración propia, B. REGIO, Eurostat

Un par de apuntes adicionales. El peso específico de ambas regiones respecto al total de población nacional difiere considerablemente y mientras el NP acoge a más de un 35% de la población portuguesa, en el caso de Galicia, ésta solo representa un 6% de la población española. En segundo lugar, si avanzamos en el análisis territorial, constatamos las ya conocidas disparidades internas existentes entre las zonas costeras de mayor dinamismo económico y las áreas interiores. La débil evolución demográfica de estas últimas, unida al escaso dinamismo económico de las mismas está provocando su progresivo abandono y una tendencia creciente a la concentración de población en las grandes áreas urbanas del litoral que comprende desde Ferrol hasta Porto, franja que concentra el núcleo poblacional eurorregional en detrimento de la zona interior. Al hilo de esta consideración, debemos indicar el claro contraste entre el policentrismo urbano gallego y la supremacía urbana incuestionable del área metropolitana de Porto en la parte lusa.

II.2.- EVOLUCIÓN DE LA POBLACIÓN ACTIVA



La diferencia en las tasas de actividad entre ambos países ha tendido a reducirse a lo largo del tiempo. Así, si en 1986 la diferencia entre las tasas de actividad rondaba los 12 puntos, para el año 1999 dicha diferencia se ha reducido casi a la mitad y en 2009 es casi inapreciable. En cualquier caso, en la tabla 2 se constata la extraordinaria dinámica del mercado laboral en España desde 2001, que se traduce en una evolución muy positiva de la tasa de actividad que durante los últimos años expansivos se ha acelerado, muy afectada por el fuerte proceso inmigratorio experimentado.

Esta evolución agregada esconde fuertes diferencias por sexos (Tabla 2). Un rasgo característico del mercado de trabajo portugués era la elevada tasa de actividad femenina. La brecha entre el valor gallego y el portugués ha ido reduciéndose progresivamente desde entonces, hasta el punto en el que la tasa de actividad femenina gallega ha crecido más intensamente que las portuguesas, casi igualándose. Por otra parte, las tasas de actividad masculina tienen dinámicas opuestas, crecimiento en España y Galicia y caída en Portugal y RN. En este último caso, la tasa de actividad puede haberse visto afectada por las recientes crisis sufridas por el país en 2002-2003 y la actual, que han afectado a la capacidad exportadora de la región, de la que ésta depende en gran medida. Desde 2007 se percibe un ligero retroceso en la tasa de actividad de los hombres, que parece estar motivado por el incremento del número de personas "sin actividad" o inactivos (pensionistas, domésticos/as, estudiantes y otros inactivos) y a otros aspectos como el alargamiento del período de formación por parte de los jóvenes ante la ausencia de expectativas en el mercado laboral. Por lo tanto, el proceso de convergencia observado en la tasa de actividad global se debe en su mayor parte a la reducción del diferencial en las tasas de actividad femeninas, aunque la dinámica contrapuesta en el caso de los hombres tiene también un papel relevante.

La conclusión final es que en 2009 la diferencia en las tasas de actividad gallega y del NP se ha reducido a menos de dos puntos cuando en 1986 superaba los 10 puntos. No obstante, este resultado encubre una primera fase de clara divergencia hasta 1999 y una segunda (desde 1999 a 2009) de recuperación de las diferencias, lo que supone que actualmente la tendencia es favorable a una mayor aproximación.

Tabla 2: Variación relativa de la tasa de actividad total y por género

	Total				Hombres				Mujeres			
	Esp	Port	Gal	NP	Esp	Port	Gal	NP	Esp	Port	Gal	NP
1999	63,9	70,8	63,9	70,9	77,9	79,1	75,0	79,9	50,0	62,9	53,1	62,2
2000	65,4	71,4	65,2	71,1	78,8	79,2	75,6	80,1	52,0	63,9	55,0	62,5
2001	64,7	72,1	63,5	71,9	78,4	79,6	74,1	80,0	50,9	64,8	53,0	64,1
2002	66,2	72,7	64,5	72,0	79,1	80,0	75,0	80,0	53,1	65,6	54,1	64,3
2003	67,6	72,9	66,8	72,1	80,0	79,6	76,3	79,4	55,1	66,5	57,5	65,1
2004	68,7	73,0	68,3	72,1	80,4	79,1	77,0	78,7	56,8	67,0	59,7	65,6
2005	69,7	73,4	68,0	72,6	80,9	79,0	77,0	78,5	58,3	67,9	59,1	66,9
2006	70,8	73,9	68,9	73,2	81,3	79,5	76,7	79,1	60,2	68,4	61,2	67,5
2007	71,6	74,1	69,7	73,2	81,4	79,4	77,9	79,4	61,4	68,8	61,6	67,2
2008	72,6	74,2	71,0	72,9	81,8	79,5	78,9	79,1	63,2	68,9	63,3	66,8
2009	73,0	73,7	71,4	72,4	81,0	78,5	77,6	78,3	64,8	69,0	65,3	66,7

Fuente: Elaboración propia, *Labour Force Survey for the European Union*, B. REGIO, Eurostat

Cabe señalar por último, que si consideramos la evolución entre 2007 y 2009 observamos como los efectos de la actual crisis, no están siendo homogéneos, ni por edad ni por territorio. En la tabla 3 se resume la variación relativa experimentada por la tasa de actividad para los diferentes tramos de edad considerados en las economías analizadas. Dos conclusiones principales. En primer lugar, la crisis parece haber incidido con mayor intensidad en Portugal y sobre todo en el tramo de población más joven. En segundo lugar, la crisis tiene, por el momento, un impacto reducido en las tasas de actividad.



Edad	Variación Relativa 1999-2009				Variación Relativa 2007-2009			
	Galicia	España	Portugal	Norte	Galicia	España	Portugal	Norte
De 15 a 24 años	4,1	2,0	-7,7	-10,1	-0,03	-2,7	-2,7	-2,7
De 25 a 34 años	5,7	5,2	2,9	3,2	0,82	1,2	0,1	-0,4
De 35 a 44 años	5,1	7,8	3,2	2,8	2,07	2,3	-0,5	-1,5
De 45 a 54 años	5,8	11,8	5,5	6,1	-0,09	2,5	0,7	0,4
De 55 a 64 años	4,6	11,4	2,1	1,6	3,93	2,8	-0,6	0,1
65 y más años	0,4	0,4	-0,1	-0,5	0,06	0,1	-1,2	-0,2

Fuente: Elaboración propia, *Labour Force Survey for the European Union*, B. REGIO, Eurostat

II.3.- LA EVOLUCIÓN DE LA OCUPACIÓN

El gráfico 2 muestra la peculiar evolución que ha seguido la ocupación en la EGNP y en los dos conjuntos nacionales desde 1999. Destaca en el gráfico la enorme diferencia existente en la dinámica del mercado de trabajo entre España y Portugal que se refleja aun más intensamente entre las dos economías que forman la eurorregión. Desde 1999 la creación de empleo en España ha sido muy intensa, con un incremento de la ocupación superior a 4 millones que en Galicia se deja sentir en los últimos años, aunque con una menor intensidad. Por su parte en Portugal, la creación de empleo ha sido muy débil y casi inexistente en el caso del NP. En este escenario, es normal que la crisis económica actual tenga un mayor impacto allí donde se ha creado más empleo en la fase expansiva. Entre 2007 y 2009, España ha perdido casi 1,5 millones de ocupados, el 7,2% un porcentaje significativamente superior a la pérdida experimentada por Galicia (3,5%). En Portugal y NP las pérdidas son muy inferiores (2,3% y 2,6% respectivamente). La conclusión final, es una dinámica de empleo durante esta década muy débil en Portugal, casi estancada con tasas de crecimiento anual acumulativo cercanas a cero (0,3% en Portugal y 0,03% en NP), mientras que en España y Galicia la fase expansiva ha tenido una fuerte expresión en términos de empleo (en España la tasa anual acumulativa de crecimiento del empleo es del 2,5%, mientras que en Galicia supera ligeramente el 1,7%).

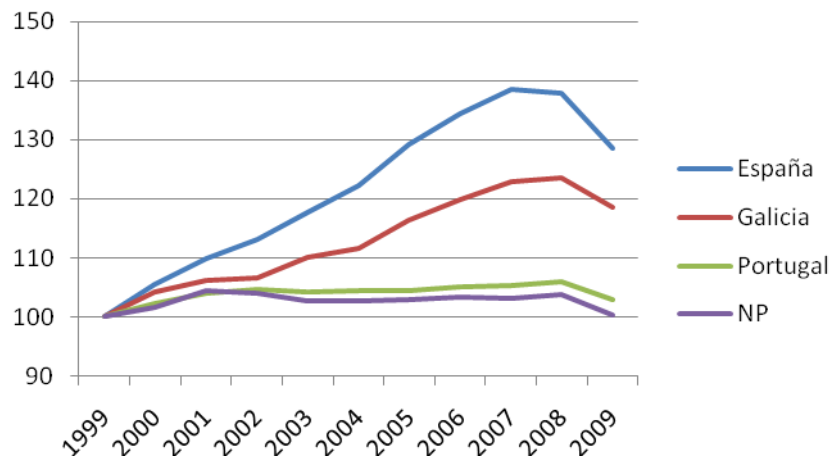


Gráfico 2: Evolución normalizada de la Ocupación

Fuente: Elaboración propia, *Labour Force Survey for the European Union*, B. REGIO, Eurostat

Las tasas de empleo, a pesar de partir de valores muy diferentes (tasas muy superiores en el caso de Portugal), se han aproximado muy significativamente, de modo que en 2009 la diferencia entre la tasa gallega y la del NP, era inferior a 2 puntos (frente a los más de 14 puntos que existían en 1999).

El gráfico 3 resume la variación total de la ocupación por grandes sectores entre 1999 y 2008, lo que permite apreciar la enorme asimetría en términos de evolución de empleo entre estos territorios. La diferencia entre España y Galicia obedece sobre todo a la mayor pérdida relativa de empleos en el sector primario gallego, evolución que no se da en Portugal y que en el NP tiene signo opuesto con un ligero repunte del empleo. De hecho, en 2008 el peso del sector



primario en el empleo en Portugal es similar al que tenía en 1999 mientras que en España y Galicia se ha reducido a la mitad. Sin duda, en Portugal esta situación debe modificarse a medio plazo con las evidentes dificultades de absorción para una economía en crisis de los importantes contingentes de trabajadores que deben ser expulsados del sector primario. En el grafico también podemos apreciar el fuerte deterioro de la actividad industrial durante este periodo en Portugal y el reducido impacto en la creación de empleo de la construcción. Esta reducida participación en la creación de empleo del sector construcción en Portugal es un hecho especialmente llamativo, dada la creencia generalizada de que el auge de la construcción en España tenía importantes repercusiones en el país vecino en términos de empleo.

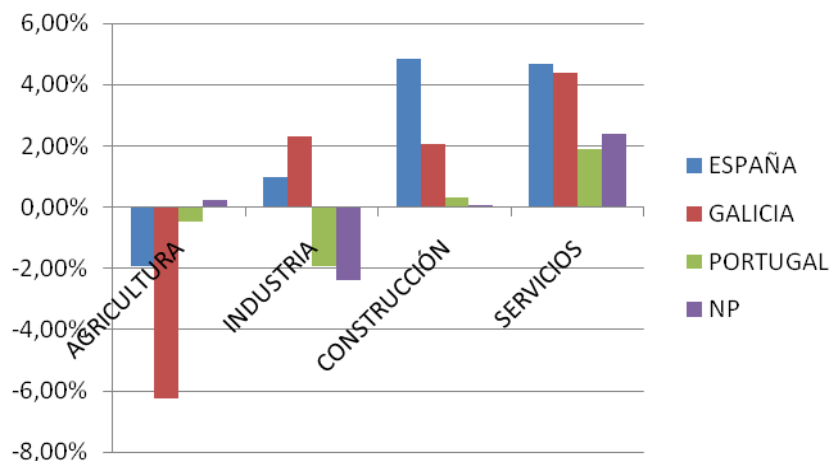


Gráfico 3: Tasas anuales de crecimiento del empleo entre 1999 y 2008 por sectores

Fuente: Elaboración propia, *Labour Force Survey for the European Union*, B. REGIO, Eurostat

Una importante implicación de la evolución del empleo por sectores para Galicia es que durante este periodo ha pasado de ser una economía basada en el sector primario (si nos remontamos a 1978, suponía el 40% de los ocupados gallegos frente a solo el 20% que suponía en el conjunto de España) a una economía moderna basada en los servicios, aunque sigue manteniendo un importante sector primario (en 2010 aún supone casi el 8% del total de ocupados). También es destacable el buen comportamiento de la industria, único sector donde la dinámica gallega es más positiva que la española. Es en este sector donde las diferencias dentro de la EGNP son más acusadas, mientras en Galicia la tasa de crecimiento es superior al 2,3% anual, en el NP se estima una tasa similar pero con signo contrario (-2,4%).

II.4.- LA EVOLUCIÓN DEL DESEMPLEO

Al analizar la evolución de la tasa de desempleo en la EGNP y en las dos economías que la engloban (Tabla 4) puede observarse que Galicia muestra un comportamiento opuesto al resto de economías, con una fuerte reducción en la tasa de paro, especialmente relevante en el caso de las mujeres. Mientras, el NP culmina un periodo muy negativo en la evolución de este indicador, que sin embargo, fija la tasa de paro al final del periodo analizado en valores aun por debajo de los estimados para la economía gallega.

Si atendemos a la evolución de la tasa de paro en función del género, debemos recalcar el diferente comportamiento por países de la evolución de la tasa de paro femenina. Aunque en todos los casos la tasa de paro femenina es superior a la masculina, las diferencias en el caso español se han reducido muy significativamente. En 1999, la tasa femenina duplicaba a la masculina en España y Galicia, mientras que era solo un 30% superior en el caso de Portugal y el NP. En 2009, el diferencial es significativamente menor (en torno a un 15%) y casi no significativo para el conjunto de España.

Tabla 4: Tasa de desempleo por sexos



	Tasa total		Tasa hombres		Tasa mujeres		Variación tasa de desempleo 2009-1999		
	1999	2009	1999	2009	1999	2009	Total	Hombres	Mujeres
España	15,7	18,0	11,0	17,7	23,0	18,4	2,3	6,7	-4,6
Galicia	16,2	12,6	11,4	11,8	22,9	13,6	-3,6	0,4	-9,3
Portugal	4,5	9,5	4,0	8,9	5,2	10,2	5,0	4,9	5,0
Norte	4,6	11,0	4,0	9,8	5,3	12,4	6,4	5,8	7,1

Fuente: Elaboración propia, *Labour Force Survey for the European Union*, B. REGIO, Eurostat

Por lo tanto, y tal como se puede apreciar en el gráfico 4, durante los últimos años ha tenido lugar un proceso de convergencia progresivo entre la tasa de paro de ambas regiones (sobre todo desde 2003) fruto de un acusado descenso en los valores de la tasa gallega y un notable incremento en el NP. Desde el inicio de la actual crisis económica las tasas de paro vuelven a separarse indicando una mayor incidencia de la recesión actual en Galicia.

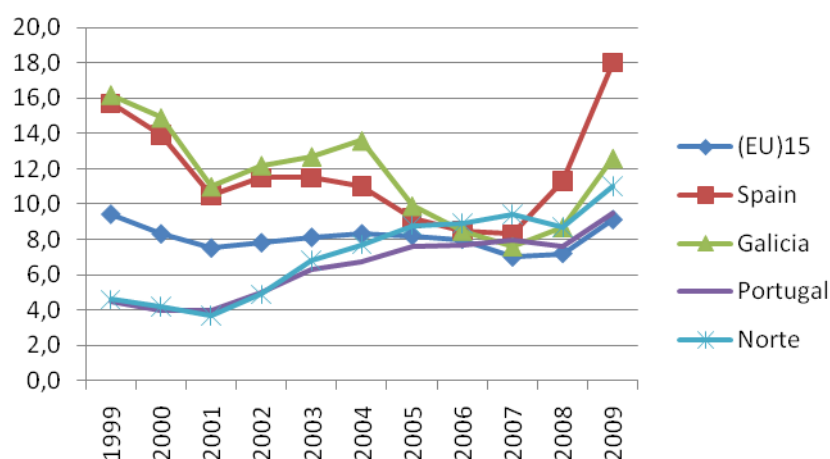


Gráfico 4: Evolución de la tasa de desempleo

Fuente: Elaboración propia, *Labour Force Survey for the European Union*, B. REGIO, Eurostat

Un indicador que resulta muy interesante desde el punto de vista de la calidad en el empleo es la tasa de desempleo de larga duración. En el gráfico 5 se puede apreciar como la evolución en España y Galicia ha sido muy diferente a la experimentada por Portugal y NP. Inicialmente la tasa de desempleo de larga duración en Galicia y España multiplicaba por cuatro el dato del NP. La evolución desde 1999 ha sido totalmente opuesta hasta casi doblar la tasa del NP la tasa gallega (3.24% frente a 5.15%). No obstante, la evolución del desempleo en España, con su fuerte repunte a partir de 2008 y, muy especialmente, a partir de 2009, ha hecho que empeore uno de los indicadores sociales que registraba un mejor comportamiento. La reducción del paro de larga duración o paro estructural fue uno de los grandes logros del modelo de creación de empleo que estuvo vigente hasta 2007. La irrupción del desempleo ya ha hecho que se registre una fuerte subida del paro estructural que, muy posiblemente, será mayor en 2011.

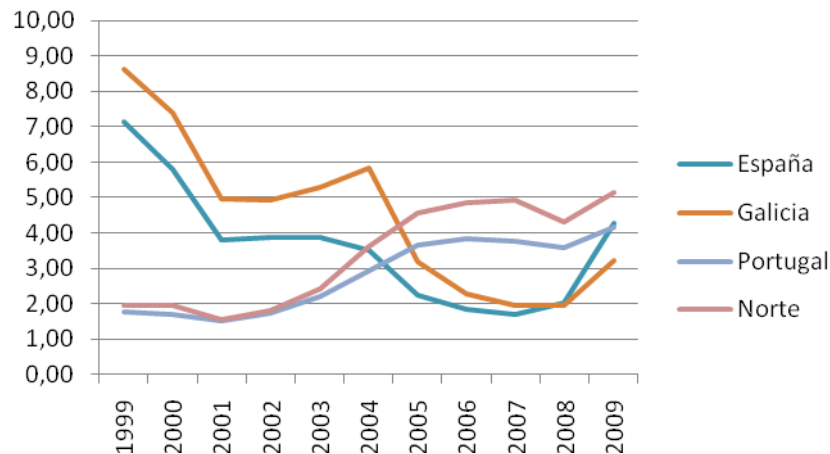


Gráfico 5: Evolución de la Tasa de desempleo de larga duración

Fuente: Elaboración propia, *Labour Force Survey for the European Union*, B. REGIO, Eurostat

Por último, incidir en las importantes disparidades territoriales existentes tanto en el NP como en Galicia. Los resultados agregados del mercado laboral de la EGNP ocultan importantes diferencias territoriales que se manifiestan en cuanto descendemos en el nivel de agregación (NUTs III). Mientras en el litoral atlántico mejoran sus cifras de actividad y ocupación, las áreas interiores las empeoran. Pero también en este caso existen diferencias entre NP y Galicia, donde este fenómeno es mucho más acusado (Tabla 5).

Tabla 5: Tasas anuales acumulativas de crecimiento de la población activa		
	Mayores 15 años	Entre 15 y 24
UE (27)	1,08%	-0,21%
España	3,07%	-0,55%
Galicia	1,36%	-2,27%
A Coruña	1,99%	-1,37%
Lugo	-0,81%	-3,40%
Ourense	0,01%	-4,51%
Pontevedra	1,88%	-2,05%
Portugal	1,11%	-3,76%
Norte	1,03%	-3,96%
Minho-Lima	0,57%	-7,08%
Cávado	0,34%	-3,89%
Ave	1,56%	-2,72%
Grande Porto	1,13%	-3,52%
Tâmega	0,45%	-3,08%
Entre Douro e Vouga	2,36%	-5,38%
Douro	1,00%	-0,87%
Alto Trás-os-Montes	0,79%	-11,65%

Fuente: Elaboración propia, *Labour Force Survey for the European Union*, B. REGIO, Eurostat

Estas disparidades, si no se toman medidas para paliar estos efectos, pueden agravarse en el futuro, dadas las dinámicas demográficas y del mercado laboral que se están produciendo en la actualidad. De hecho es muy significativa la importante caída acumulada en la población activa en el tramo de 15 a 24 años en todas las unidades territoriales consideradas, en parte explicada por el aumento de los años dedicados a formación, pero también por el abandono de la región por falta de expectativas laborales, lo que por otra parte reduce la presión sobre la tasa de desempleo.



II.5.- LA FORMACIÓN Y LA CUALIFICACIÓN DE LOS RECURSOS HUMANOS

Otro factor que puede contribuir a la creación de empleo es aumentar su calidad, mejorando notablemente la formación y educación de la mano de obra. En esta cuestión el avance en Galicia es muy considerable. En el tramo de edad de 25 a 35 años en 2007 el 44,7% de la población tenían estudios superiores, casi 5 puntos porcentuales más que la media española, cuando en 1991 la diferencia era favorable a España en más de 2 puntos porcentuales (19,4% para Galicia y 21,6% para España). Este aspecto es fundamental ya que ahora y mucho más en el futuro, la mano de obra con un nivel de educación superior tiene, no sólo unas mayores probabilidades de encontrar empleo que la que tiene niveles de educación primaria, sino que también tiene una mayor facilidad para mejorar su salario y su carrera en la empresa, aunque, al principio tenga que aceptar, temporalmente empleos por debajo de sus capacidades.

Las diferencias de España con Portugal en la formación de su fuerza laboral son muy importantes. En la tabla 6 se muestran los porcentajes de jóvenes que han alcanzado el nivel superior de educación (ISCED 5-6). NP tiene el porcentaje más bajo, muy lejos de los valores de Galicia y España, aunque ha reducido algo la brecha en los últimos años.

Tabla 6: Porcentaje población con Nivel educativo superior (edades 20-24)

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Galicia	56,4	58,5	58,4	58,5	58,6	58,8	62,7
NP	43,6	43,5	42,7	42,7	44,1	47,6	:
Portugal	53,0	53,0	52,3	52,3	54,0	57,7	:
España	59,3	60,6	61,1	61,9	62,9	63,9	66,2

Fuente: Elaboración propia, *Labour Force Survey for the European Union*, B. REGIO, Eurostat

Si centramos nuestra atención en los ocupados, la tabla 7 muestra una vez más las grandes diferencias existentes entre España y Portugal (no disponemos de esta información desagregada). Portugal y España son dos extremos respecto al nivel medio que expresa los resultados para la UE-27. Dos son los elementos más llamativos. El elevado peso de la educación superior en España y el bajo nivel educativo presente en el caso de Portugal.

Tabla 7: Estructura del nivel de formación del total de ocupados y de los empleadores, 2009 (%)

		Primario Secundario Inferior	y Secundario Superior	Superior
Empleadores	UE 27	26,6%	45,6%	27,6%
	España	48,1%	22,9%	29,0%
	Portugal	78,9%	10,3%	10,8%
Ocupados	UE 27	21,3%	49,9%	28,6%
	España	39,0%	24,3%	36,8%
	Portugal	62,3%	19,6%	18,1%

Fuente: INE. "La península Ibérica en cifras"

III.- RESULTADOS Y DISCUSIÓN

El propósito de este trabajo, como adelantamos en la introducción, es cuantificar los efectos de la evolución divergente de ambas economías regionales sobre los resultados macroeconómicos del mercado laboral en la EGNP. En la sección anterior mostramos las diferencias en la evolución de los principales indicadores laborales, de los cuales deducimos que durante el periodo analizado se ha producido un fuerte proceso de convergencia en los indicadores (Tabla 8), frenado bruscamente con el inicio de la actual crisis económica. Este proceso de convergencia es resultado de un crecimiento moderado de la actividad y el empleo en Galicia junto a un importante freno en la evolución del NP.



Tabla 8: Resumen indicadores Mercado Laboral

	POBLACION (1)		TASA DE ACTIVIDAD (2)		TASA DE PARO		TASA DE EMPLEO (2)		RECURSOS HUMANOS (3)	
	1991-2001	2001-2008	1999	2009	1999	2009	1999	2009	1999	2009
NP	4,4	1,6	70,9	72,4	4,6	11,0	72,3	68,9	43,6	47,6
Galicia	0,05	1,9	63,9	71,4	16,2	12,6	58,2	66,1	56,4	58,8

Notas:

1 Tasa de crecimiento anual

2 Porcentaje de población ocupada entre 20 y 64 años

3 Porcentaje de población con nivel educativo superior (edades 20-24)

Fuente: Elaboración propia a partir Eurostat

Analizando estos indicadores con un mayor grado de detalle podemos concluir que durante este periodo se constata que, si bien sigue existiendo una amplia brecha entre las tasas de actividad de ambos países y regiones (Fernández y Polo, 2002), la distancia se ha ido reduciendo con el tiempo. También se comprueba cómo esta evolución agregada esconde fuertes diferencias por sexos, con una tendencia a disminuir la brecha en el caso de la tasa de actividad femenina, mientras que en el caso de la tasa de actividad masculina las diferencias tienden a incrementarse en los últimos años.

En lo que se refiere a la ocupación, cabe señalar que una característica tradicional de la economía gallega es su enorme dificultad para crear puestos de trabajo, incluso en los periodos de expansión económica. El ejemplo más evidente es, que incluso durante los años sesenta de fuerte crecimiento industrial, los flujos migratorios hacia Europa y el resto de España siguieron siendo muy importantes convirtiéndose en la principal válvula de escape que permitía el equilibrio en el mercado laboral en Galicia. El estudio de la evolución comparada del empleo en Galicia y el NP revela la existencia de importantes diferencias tanto en la evolución agregada del empleo como la ocupación por grupos de edad y sexo, así como dinámicas sectoriales, que presentan importantes variaciones, que a su vez parecen llevar a una progresiva convergencia en términos de estructura sectorial del empleo entre ambas regiones y a escala agregada a una igualación en la tasa de empleo de la población entre 20 y 64 años.

La tasa de paro, que ha sido históricamente una de las principales diferencias entre las dos regiones que forman la EGNP, lo que ha motivado muchos trabajos y análisis comparativos y ha estado en el centro de un intenso debate sobre las dificultades de la economía gallega para generar puestos de trabajo para sus residentes, problema que aparentemente no se daba en el NP, muestra un fuerte proceso de convergencia, que parece frenarse con el inicio de la actual crisis económica. El análisis de las tasa de desempleo de larga duración durante la última década, también arroja una evolución muy dispar en ambos casos, muy desfavorable para el NP.

Otro hecho a destacar es la existencia de importantes diferencias en cuanto a formación y nivel de cualificación de los recursos humanos que integran la fuerza laboral en España y Portugal, algo que se constata a través del análisis del peso de la educación superior y del nivel de formación del total de ocupados y empleadores en ambos países.

Por último, ¿cuál ha sido el impacto sobre el empleo de la actual crisis económica? El efecto agregado es claramente negativo con un fuerte impacto sobre la tasa de empleo, pero con importantes diferencias por sexo, con una caída menor en el caso de la tasa femenina que contribuye a contener la caída total del empleo. La intensidad de la crisis en términos de caída del empleo claramente es mucho menor en Portugal que en España. Sin duda, la mayor pérdida de empleos en el NP ha procedido de la industria transformadora, especialmente sensible a las exportaciones y por lo tanto a la coyuntura económica internacional. También se han notado efectos negativos en otros sectores como el alojamiento y la restauración o la construcción, pero con un menor impacto total, dado que aglutinan a un volumen muy inferior de población. Estas pérdidas en el sector de la transformación han permitido que incremente su peso relativo el sector servicios, lo que confirma la tendencia general a la terciarización de las



economías desarrolladas. En 2009 el sector terciario representaba el 54.1 % del empleo en la región, frente a un 36.7% del sector secundario donde incluimos el empleo de la construcción (entre 1999 y 2008 el peso de la industria transformadoras ha pasado del 34% al 26%).

IV.- CONCLUSIONES

A la complementariedad económica (Meixide y De Castro, 2001 y Fernández y Fernández-Grela, 2003) y una situación de partida similar, Galicia y el NP unen importantes afinidades históricas, culturales y lingüísticas que facilitan el proceso de integración especialmente en el mercado de trabajo, que sin embargo no se ha reflejado en los indicadores laborales más significativos, hasta bien entrado el siglo XXI. Veinticinco años después de iniciado el proceso de integración europea los avances son muy significativos, y tanto Galicia como el NP son mucho más prosperas económicamente, pero con importantes diferencias en la evolución reciente. Desde inicios de esta década, se constata un proceso de divergencia en renta per cápita entre ambas regiones, lo que en términos laborales explica un incipiente proceso de convergencia que parece totalmente frenado desde el inicio de la actual crisis económica internacional. La evolución observada, no parece resultado de una senda de desarrollo conjunta dentro de la EGNP sino a evoluciones nacionales contrapuestas que dominan las dinámicas regionales. Es decir, la aparente convergencia no parece fruto de un mayor acercamiento regional, sino a un mayor alejamiento nacional que arrastra a las respectivas economías regionales en direcciones opuestas.

Aunque la convergencia real con la UE ha aumentado notablemente en Galicia, gracias al significativo crecimiento del empleo, pero sobre todo a una evolución demográfica muy débil, los rendimientos de esta estrategia van a ser decrecientes en el futuro. La convergencia real requiere seguir creciendo y creando empleo. Naturalmente, para lograr un nivel de empleo más elevado, es fundamental que las tendencias demográficas sean favorables, por la sencilla razón de que la tasa de empleo depende de que, por un lado, la población en edad de trabajar sea elevada y de que la población que busca activamente empleo como porcentaje de la anterior también lo sea. En este punto Galicia tiene serias debilidades, debido, por un lado, a que la población en edad de trabajar empieza a estancarse, y, por otro lado, a que la tasa de actividad y de empleo femenino, de los trabajadores en edad avanzada y de los jóvenes son muy bajas.

Estos resultados reflejan las dificultades a las que se enfrenta cualquier política de cohesión territorial, pues incluso después de una política comunitaria y nacional marcada por el reequilibrio territorial los resultados son decepcionantes con un aumento de las diferencias en el interior de la EGNP. Solo la evolución de la población parada es más positiva en los territorios interiores, lo que en gran medida es un resultado condicionado por la débil presión demográfica sobre el mercado laboral y no por un mejor comportamiento económico. Destacar las enormes dificultades que está experimentando la EGNP para frenar el transvase de población del rural a las áreas urbanas. En este punto, está clara la necesidad de un cambio radical sino queremos que las distancias entre el interior y el litoral sea cada vez mayores. Medidas como las recientemente propuestas para favorecer la mayor movilidad territorial de la mano de obra, que es una de las más bajas de la UE, pueden tener consecuencias negativas sobre la distribución territorial del empleo, favoreciendo a los núcleos urbanos ya consolidados. Sin duda, son necesarios grandes cambios en el mercado laboral y en la economía en general, que requieren gran capacidad de convencimiento y negociación para ponerlos en práctica. No podemos revertir las tendencias demográficas a corto y medio plazo pero si podemos tomar medidas para que sus consecuencias negativas no sean significativas. Este es el gran reto para los próximos años en la EGNP.

BIBLIOGRAFÍA

- Ares J. y Rey, P., *El mercado de trabajo gallego desde la entrada en Europa*. Revista Galega de Economía, volumen 17, número (diciembre 2008).
- Bande, R.; Fernández, M., *Integración y mercado de trabajo en la eurorregión Galicia-Norte de Portugal*. Papeles de Economía Española, núm. 22. (2007).



- Colino, J.; Fenández, M., *Cantos parados hai en Galicia? Unha reflexión sobre a medición estatística do desemprego*. Informe de Coxuntura da Economía Galega, Terceiro Trimestre de 2007.
- Caixa, La, *La economía de Galicia: diagnóstico estratégico*. (Colección Comunidades Autónomas). (2007).
- EURES, *Censo de traballadores transfronteirizos Norte de Portugal-Galicia 2003*, en la web <http://www.euresnortedeportugal-galicia.org>. (2004)
- EUROSTAT, *Labour Force Survey for the European Union*. European Commission. <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home>.
- Fenández, M.; Fernández-Grela, M. *Comparación de estructuras productivas entre regiones transfronterizas: Galicia y la Región Norte de Portugal* Revista Galega de Economía, vol. 12, núm. 2 (2003).
- Fenández, M.; Polo, C. *Diferencias entre los mercados de trabajo de dos regiones contiguas: el caso de Galicia y la Región Norte de Portugal* Revista Asturiana de Economía Nº 25 (2002).
- Fenández, X.; López, E., *Estrutura económica de Galiza*. Laiovento. (2000)
- Fundación Caixa Galicia / CIEF, "A economía galega. Informe". (Serie Informes Anuais). (varios años)
- INE. *La península Ibérica en cifras*. Madrid. Ministerio de Economía y Hacienda. <http://www.ine.es/>. Madrid. (2009)
- Meixide A.; Castro, A. de, *Galicia e a Rexión Norte de Portugal: un espacio económico europeo*, CIEF, Fundación Caixa Galicia (2001).